QUESTÕES PEDAGÓGICAS

NOÇÕES DE NUMISMÁTICA. CONDECORAÇÕES.

INTRODUÇÃO.

Os prêmios na Antigüidade. Ordem eqüestre. Tempos feudais. Origens da Cavalaria Medieval. Como se armava um Cavaleiro. Os doze de Inglaterra. Como se degradava ou exautorava um Cavaleiro. Armas ofensivas e defensivas da Cavalaria da Idade Média. Nomenclatura das armas ofensivas e peças da armadura usadas pela Cavalaria da Idade Média.

*
* *

OS PRÊMIOS NA ANTIGÜIDADE.

Na época helênica, os **jogos públicos** mais célebres, e que constituiram as quatro grandes festas nacionais da Grécia foram os **píticos,** os **nemeus,** os **ístmicos** e os **olímpicos.**

Os **píticos** celebravam-se em Delfos em honra de Apolo por ter morto a serpente Piton; os **nemeus,** no monte Nemeo em honra de Hércules; os **ístmicos** perto de Corinto em honra de Netuno e os **olímpicos,** de quatro em quatro anos em Olímpia, na Élida. A tradição diz que êstes últimos foram instituídos por Hércules no bosque sagrado de Altis, na Élida, e consistiam em sacrifícios, jogos ginásticos, corridas, lutas, saltos, lançamento do disco, barras e corridas de carros. Só depois da batalha de Coroebus começaram os gregos a inscrever regularmente o nome do vencedor e daí a razão de mais tarde, cêrca do ano 300 a. C., o tempo começar a ser computado pelas **olimpíadas** (espaço de quatro anos), servindo o ano 776 de ponto de partida para a cronologia da Grécia.

Foi nesta data, com a realização da primeira olimpíada (776 a. C.), que os jogos olímpicos se tornaram uma realidade histórica. Eram organizados pelo Estado suzerano, primeiramente pela cidade vizinha de Pisa, depois pela cidade de Elis, isto já depois de 572 a. C. Êsses jogos davam ensejo a uma trégua sagrada **(ekekheiria)** que se impunha a todos os gregos e durante a qual se suspendiam tôdas as hostilidades. De tôdas as partes do mundo helênico chegavam delegações oficiais represen-

tativas das cidades que deviam tomar parte nas competições e eram concentrados no ginásio de Elis, onde exercitavam-se num regime especial. Os concorrentes deviam ser da raça helênica e de condição livre. A festa olímpica durava cinco dias e no último dia tinha lugar a proclamação dos vencedores, que recebiam cada um a palma e a corôa de oliveira.

> "Toutes les institutions d'Athenes, a dit madame Stäel, dans un ouvrage rempli de vues élevées, excitaient l'émulation. Les Athéniens n'ont pas toujours été libres, mais l'esprit d'encouragement n'a jamais cessé d'exercer parmi eux la plus grande force.
>
> Ils étaient peu nombreux, mais l'univers les regardait. Ils réunissaient le double avantage des petits États & des grands théatres: l'émulation qui naît de la certitude de se faire connaître parmi les siens, & celle que doit produire la possibilité d'une gloire sans bornes" (1).

As corôas de oliveira com que se premiavam os vencedores, foram mais tarde substituídas por corôas de metal com a forma de folhagem.

> "Beaucoup de monments, & nous en possédons plusieurs au Louvre, reproduisent l'image sculptée de ces sortes de couronnes. Une inscription de Rhodes nous montre le bientfaiteur d'une corporation honoré par elle de plusieurs couronnes á feuillages divers, qu'il fait touts sculpter sur un monument commémoratif" (2).

Além das várias corôas com que se premiavam os vencedores havia ainda três maneiras de se exteriorizar as recompensas:

A coroação era o ato público que consistia em cingir com corôas as cabeças dos premiados nos estudos ou daqueles merecedores de recompensa por atos extraordinários e feitos gloriosos.

A ovação era uma manifestação onde se davam provas de apreço e entusiasmo a uma pessoa por alguma coisa notável que fizera ou por um serviço prestado.

O triunfo representava a ostentação da vitória ou a solenidade com que ela se celebrava em honra do vencedor. Aos generais romanos vitoriosos com o desbarato total do inimigo, ou aos que subjugavam uma nação era concedido o **triunfo**.

---

(1). — **F. F. Steenackers, Histoire des Ordres de Chevalerie et des distinctions honorifiques en France, Paris, 1867.**

(2). — **De Clarac, Inscriptions grecques & romaines du Musée Impérial du Louvre, planches XLII & XLIV.**

Os vencedores, trajados com determinadas roupagens, eram conduzidos em um carro magnífico, entrando em Roma por baixo de arcos levantados em sua homenagem e depois de derrubado parte do muro da cidade, subiam até ao Capitólio.

Entre os gregos e os romanos, a corôa foi tomada muito cêdo como sinal de distinção, de mérito superior ou de autoridade e dentre as diversas corôas destacavam-se as seguintes na antiga Grécia:

Corôa acadêmica, feita de fôlhas de louro e destinada a prêmio alcançado nos estudos e concursos acadêmicos;

Corôa de aipo, dada aos vencedores dos jogos de Neméia e do Istmo;

Corôa de fôlhas e de ramos de oliveira destinada aos vencedores dos jogos olímpicos;

Corôa de fôlhas de pinheiro aos vencedores dos jogos ístmicos;

Corôa de ovação, feita de mirto e que se concedia aos generais que obtivessem uma ovação;

Corôa triunfal, pertencia aos generais que tivessem as honras do triunfo; primeiro foi de fôlhas de louro e depois de ouro.

Dêsse passado, já tão longínqüo, ainda perduram em nossos dias as corôas:

Real ou imperial, dignidade soberana, privativa dos reis e imperadores;

Dos nobres, pertencentes aos príncipes, duques, marqueses, condes, viscondes e barões.

* *
*

OS PRÊMIOS ENTRE OS ROMANOS.

E' preciso observar os prêmios como um dos segredos da grandeza romana. As estátuas, as colunas, os arcos do triunfo, ainda hoje mostram inscrições que lembram essas páginas de honra.

Entre as recompensas militares, classificavam-se as corôas que constituiam seis classes:

1. — **A castrense ou valaria,** que servia para galardoar aquêles que primeiro penetrassem nos entrincheiramentos inimigos. Os raios desta corôa eram de ouro e representavam uma estacada ou palissada.

2. — **A mural,** conferida a quem primeiro escalasse a muralha de uma praça sitiada. Era de ouro, ornada de ameias, como ainda se vêm nas antigas fortalezas.

3. — **A nava ou rostral,** dada ao vencedor de uma batalha naval ou o primeiro a abordar um barco inimigo. Era de ouro ornada com proas de navios chamadas **rostra.**

4. — **A cívica** era para aquêle que tivesse salvo a vida de um semelhante no combate. Compunha-se de ramos de carvalho com o seu fruto. Era tão honrosa em Roma que, quando aquêle a quem era conferida se apresentava nos espetáculos públicos, tanto o Senado como o povo se levantavam à sua chegada, dando-lhe lugar entre os senadores.

5. — **A obsidional ou gramínea,** assim chamada por ser de grama; era conferida ao general que tivesse feito levantar um cêrco, isto é, libertado alguma praça sitiada ou algum corpo de exército encurralado pelo inimigo.

6. — **Corôa de louros,** composta a princípio de ramos de loureiro e depois de carvalho, dava-se aos generais que lograssem as honras do triunfo.

As recompensas honoríficas, que podemos chamar de segunda ordem, eram:

1. — **Os colares** eram ornamentos de metal, prata ou ouro, que se usava pendente do pescoço.

2. — **A falera** era uma placa de metal que os soldados romanos usavam em forma de condecoração. Outras vêzes tinha a forma de um colar de ouro, prêso por cadeias que passando por detrás do pescoço, caía sôbre o peito.

3. — **As hastes puras** eram uma lança em ferro, imitação do cetro dos deuses; representava a recompensa por ações notáveis.

4. — **As bandeiras** eram dadas aos oficiais e aos cavaleiros por um ato de valor pessoal. O cavaleiro que matasse um inimigo em combate singular, era recompensado com uma bandeira; se o feria sòmente, recebia uma **haste pura.** As bandeiras entregues às coortes eram de duas côres: escarlate e púrpura e por uma vitória naval, azul claro.

5. — **Os braceletes** eram pequenas pulseiras que se usavam em volta dos punhos. Passando de simples ornato militar, acabou como prova de valor. Havia também braceletes de prata destinados aos legionários.

6. — **Os cornículos** nasceram do desêjo que se tinha de multiplicar as recompensas militares. Os cavaleiros usavam-nos como ornamento que consistia em longos **aigrettes** que se prendiam aos lados do capacete, passando por baixo das orelhas.

A **corôa cívica** era entregue ao herói pela própria pessoa que êle salvara, na presença do general e de todo o exército reunido.

As recompensas militares de segunda ordem eram distribuídas pelo general depois do combate, diante de tôdas as fôrças reunidas.

> "Puisque vous vous êtes fait remarquer, leur disait-il, à la guerre, dans les exploits militaires, je vous décerne telle récompense" (3).

Torna-se difícil indicar a época precisa da origem de tôdas essas recompensas. Admite-se, entretanto, terem sido elas instituídas alguns séculos depois da fundação de Roma.

Com o perpassar do tempo, êsses prêmios foram se modernizando até chegarem aos nossos dias. Hoje, as nações civilizadas, para recompensar atos de abnegação, altruismo, amor à humanidade, vitórias nos estudos, conquistas e feitos gloriosos nas campanhas navais e campos de batalha, criaram medalhas que exteriorizam a estima, a gratidão e o reconhecimento.

* *
*

ORDEM EQÜESTRE.

Por **cavaleiros** eram designados todos aquêles que formavam os corpos políticos e militares existentes em Atenas e Roma.

Em Atenas os **cavaleiros** compunham a segunda das quatro classes de cidadãos categorizados, desde Solon, segundo a fortuna e os direitos políticos de cada um; formavam a classe média e conservadora.

Os **cavaleiros** romanos já existiam no tempo de Rômulo, quando formavam uma tropa de elite denominada **celeres,** devido a estarem sempre prontos para o combate, fôsse a pé ou a cavalo. Esta cavalaria **(equites)** era recrutada entre as famílias mais distintas, constituindo uma verdadeira guarda de honra do primeiro rei de Roma, dando origem à cavalaria nacional. Na sua origem era constituída de três e depois de seis centúrias de duzentos cavaleiros. Sob Sérvio Túlio, êsses cavaleiros foram elevados ao número de 2.400 e divididos em dezoito centúrias que na assembléia votavam sempre em primeiro lugar. Para fazer parte dêsses corpos de cavalaria deviam os candidatos possuir 400.000 sestércios.

Aproximadamente no século VII a. C. apareceu em Roma uma instituição denominada **Ordem Eqüestre** (Ordem dos Ca-

---

(3). — **F. F. Steenackers, Histoire des ordres de chevalerie et des distinctions honorifiques en France, Paris, 1867.**

valeiros romanos). Sem procurarmos a origem desta organização, como tem feito certos historiadores, basta-nos dizer que as três tribos que compunham as três populações mais distintas de Roma pela sua origem, a dos ramnenses ou romanenses (latinos), os ticienses (sabinos) e os luceres (etruscos), tinham cada uma sua cavalaria própria, composta de cem homens, número que foi depois dobrado por Túlio Hostílio, ocupado quase exclusivamente com a guerra contra os sabinos.

Tarquínio-o-Antigo, rei de Roma, tentou, sem o conseguir, criar três novos esquadrões dando-lhes novos nomes, mas dada a oposição, foi êsse aumento revertido em benefício da cavalaria das três tribos (4).

> "Par une addition de seconds compagnies aux anciennes, il fit un corps de douze cents cavaliers & il en doubla le nombre aprés avoir subjugué les Eques, nation puissante" (5).

Todos os personagens que compunham êsses esquadrões de cavalaria eram de origem patrícia e filhos de casas senatoriais respeitáveis. Parece não restar dúvida ter sido no reinado de Tarquínio-o-Antigo, que apareceram as primeiras instituições da nobreza romana (6).

Na época do Império Romano, a cavalaria era formada por uma elite de cavaleiros e para ela só podiam entrar os que tivessem bens de fortuna. O título de **cavaleiro** passou a ser hereditário e daí se formou uma espécie de nobreza eqüestre que viria a constituir o primeiro grau da aristocracia imperial.

O Senado Romano guardou para si o título de **Ordem Senatorial** com que procurava homenagear as personalidades ilustres.

Em face da aristocracia de nascimento dos patrícios, os cavaleiros representavam ainda a aristocracia do dinheiro; sob o nome de **publicanos** êles exerciam o cargo de coletores de impostos, fornecedores do tesouro e do domínio público, representantes que eram de grandes emprêsas. E' interessante acompanhar êsses acontecimentos em que se envolveu essa aristocracia romana. Quiseram êles também administrar a justiça

---

(4). — **Ver Berolini, Historia equitum romanorum libri quatuor, Roma, 1840; Ubner ein Rommpfs und den Tittnerfteind en Rom (Memórias da Academia de Berlim, 1938); De equitibus romanis commentatio historica, Gryphiae, 1851; De Beaufort, La Republique romaine, 6 vols., in 12; Memóires de l'Académie des Inscriptions, t. 28.**

(5). — **Cícero, De Republica, II, 20.**

(6). — **F. F. Steenckers, Histoire des ordres de chevalerie et des distinctions honorifiques en France, Paris, 1867.**

e Graco lhes concedeu essa atribuição em 122; Sila os destituia em 82; Pompeu que pertencia a essa cavalaria devolveu-lhes essa atribuição em 70, quando a ela se associaram vários senadores e Cícero tentou fazer passar para as suas mãos a parte principal do govêrno. Mais homens de negócio do que príncipes, faziam parte do partido de César.

No teatro êles ocupavam desde a lei Roscia (67 a. C.) os catorze primeiros lugares, mas foi no Império sobretudo, a partir do século II, que êles formaram verdadeiramente uma aristocracia administrativa e governamental.

Usavam os seus membros como distintivo um anel de ouro e uma veste de cerimônia que diferia segundo a condição das pessoas. Os triunfadores usavam-na de púrpura bordada de ouro; os padres usavam igualmente a veste de púrpura e os cavaleiros em fundo branco listrado com bandas de púrpura tecidas na própria fazenda. Êsses trajes eram contudo mais curtos do que a toga (7).

*

Na Idade Média o título de **cavaleiro** pertencia de direito e exclusivamente às pessoas nobres de nome e de armas.

* *
*

TEMPOS FEUDAIS.

A queda do Império Romano do Ocidente é o ponto convencionado para dar comêço à Idade Média, caracterizada pelas invasões e revoluções sociais que preencheram o século V e parte do VI.

Assim essa idade histórica pode-se dividir em cinco períodos:

1.º — desde a queda do Império Romano do Ocidente até Maomé (476-622 d. C.);

2.º — desde Maomé até a restauração do Império Ocidental por Carlos Magno (622-800);

3.º — desde Carlos Magno ou a fundação do novo Império do Ocidente, até ao princípio das Cruzadas (800-1095);

4.º — desde o princípio até ao fim das Cruzadas (1095-1272);

5.º — desde o fim das Cruzadas até a queda do Império Romano do Oriente (1272-1453).

(7). — **Ibidem.**

*

A constituição feudal tem a sua origem na polícia militar das nações setentrionais ou célticas. Os gôdos, os hunos, os vândalos e os lombardos que se espalharam por tôdas as regiões da Europa no momento da decadência do Império Romano, a trouxeram do seu país e estabeleceram novas colônias que formaram como meio próprio para assegurar a sua conquista. O Chefe Supremo ou General, dividiu pelos oficiais superiores do exército as terras conquistadas e êstes, pela sua parte, distribuiram algumas pequenas porções delas pelos oficiais inferiores e soldados que consideravam mais dignos.

Estas divisões ou partilhas foram chamadas **feudos** e impunham a condição de servir fielmente na paz ou na guerra àquêle que as fazia. Quando se faltava a essa condição, não prestando o serviço estipulado ou abandonando o Senhor numa batalha, revertiam as terras doadas para aquêle de quem procediam.

Chamam-se **tempos feudais** os tempos da Idade Média em que os possuidores dos **feudos,** isto é, os senhores de terra, etc. se tornaram soberanos cada um no seu domínio, com os títulos de duques, marqueses, condes e barões. Eram quase outros tantos "reis pequenos" de fato, no meio de realezas nominais que apenas tinham sôbre elas uma suzerania as mais das vêzes ilusória.

O sistema feudal consistia, pois, numa espécie de confederação de senhores investidos cada um dêles de autoridade soberana nos seus próprios domínios, mas desiguais em poder, subordinados entre si e com direitos e deveres recíprocos; daí vêm a distinção entre **senhores suzeranos** e **vassalos** ou **feudatários.**

O **vassalo** (8) era aquêle que, tendo recebido em recompensa de serviços uma propriedade territorial chamada **feudo,** ficava por essa razão sob a dependência do **senhor** ou **doador,** a quem devia "fidelidade e homenagem" além do mais que se convencionava na respectiva escritura.

O **suzerano** era aquêle que, havendo conferido o **feudo,** tinha direito a ser obedecido pelo **vassalo.**

O mesmo **senhor** podia ser **suzerano,** em razão de **feudos** que tivesse conferido e **vassalo,** em razão de outros que houvesse recebido.

---

(8). — Esta palavra, que é hoje sinônimo de súdito, era antigamente um título e tão honroso que o cronista do rei D. Pedro diz que, no seu tempo, não costumava ser vassalo, senão o filho, neto ou bisneto de fidalgo de linhagem.

A **hierarquia feudal** compreendia: o **rei** ou o **imperador**; os **grandes feudatários**, tanto civis, como eclesiásticos ou **vassalos imediatos do soberano**; os **feudatários** ou **vassalos subalternos**; **homens livres** ou proprietários de terrenos isentos de direitos senhoriais e os **servos** ou **vilões**, ligados com as suas pessoas às terras que cultivavam para seus **senhores**.

Os principais deveres do **vassalo** consistiam em não ofender o **senhor** no seu corpo, nem permitir que fôsse ofendido por outrém; não reter coisa alguma do **senhor** sem seu consentimento; nada sugerir-lhe que pudesse ser-lhe desvantajoso ou causar-lhe desonra; respeitar a honra de sua família; aconselhá-lo lealmente; ficar como refém por êle, se estivesse individado, ou prisioneiro; dar-lhe o seu cavalo quando se achasse desmontado.

A isto deve-se juntar: 1.º — o **serviço militar**, de vinte até sessenta dias, à sua custa, só, ou acompanhado de certo número de homens de armas, ou no território do **feudo** ou em qualquer outro ponto para a defesa ou para o ataque; 2.º — a **fidelidade**, que obrigava a servir o seu **senhor** na guerra, nas demandas, etc.; 3.º — a **justiça**, que consistia em reconhecer a sua jurisdição e a não declinar o seu tribunal; 4.º — finalmente, os **subsídios** que o **vassalo** pagava pelo resgate do **senhor**, quando ficava prisioneiro; para o casamento de sua filha primogênita; para a armadura do filho, quando era armado **cavaleiro**, etc.

Estas relações, fundadas na recíproca fidelidade, generalizaram-se progressiva e gradualmente a ponto que o número de proprietários livres diminuia a olhos vistos, chegando a sociedade feudal a compor-se quase que exclusivamente dos ricos barões que ocupavam o lugar médio entre os duques e os condes, representantes da alta nobreza ou vassalos da corôa e os vassalos menores, ou nobreza inferior.

Assim, a ação social passou da cidade para o castelo e aqui o senhor reinava, julgava, cunhava moedas, levantava tributos.

Mais tarde os **vilões** foram substituídos pela **burguesia**, constituída por todos os homens livres que pretendiam libertar-se do regime feudal. Se o **servo** trabalhava para o senhor feudal, o burguês empregava-se num trabalho que lhe era útil, sustentando lutas contra os senhores suzeranos das vilas e cidades, suzeranos seculares ou eclesiásticos, de que saía geralmente vencedor. Esta classe trazia em si o germem do progresso político e social, que deveria mais tarde transformar a sociedade feudal na sociedade moderna.

Melhorada sensìvelmente a condição do habitante do campo, o **servo** foi também se emancipando e a **comuna romana,** submersa na torrente da invasão, reapareceu.

Assim as duas sociedades, ambas hostis e armadas, estavam frente a frente; uma na aldeia, outra no castelo; uma representando o trabalho, outra a conquista e a guerra e daí a luta incessante que por mais de três séculos fêz da Europa uma vasta arena, onde o mais forte especulava sem piedade contra o mais fraco.

A Igreja era o único laço moral, medianeira entre a civilização e a barbárie, que sustinha ainda o poder hierárquico do feudalismo, impedindo a dissolução da sociedade, abrigando as letras e protegendo os fracos.

O clero, exercendo demasiada influência nos negócios temporais, reclamava por uma reforma dos costumes.

Com o desenrolar dos tempos, os decretos da Igreja já não eram acatados e daí as dissenções entre papas e reis por séculos em fora, na ambição do domínio universal.

A própria realeza, filha da aristocracia feudal, sua igual, nem sempre encontrava em seus poderosos vassalos o respeito e submissão a que o **feudo** lhe dava direito. O **feudalismo** rebustecendo-se, usando da fôrça, com ela trazia a anarquia; só a espada representava o direito.

O abuso dos senhores feudais pelo despotismo com que subjugavam o povo então inerte para lhes resistir, pelo quase nulo ascendente que o próprio rei podia tomar sôbre os seus vassalos, atenta a soberania judicial que sem apelação cada um exercia sôbre os seus territórios, tornou-se com o tempo nociva.

Parte importante tiveram as **comunas** nesta transformação política. Constituída por todos os homens livres que pretendiam libertar-se do regime feudal, a princípio tiveram como no século XII existência dificílima, pois suas fôrças eram consumidas em defenderem-se dos vizinhos do campo e possuidores de feudo, conseguiam mais tarde, uma vez emancipadas, ligarem-se entre si para defesa de seus interêsses e independência, formando como que uma confederação, como a grande união da Hansa, espécie de associação comercial na baixa Alemanha, mais conhecida pelo nome de **Liga Hanseática** que, pelos seus progressos, chegou a dominar os mares do norte e a exercer grande pêso na balança política da Europa, pois já em 1364 compreendia 77 cidades.

A realeza, aproveitando a fôrça material das cidades e comunas, transformava em poder real e eficaz a sua preeminên-

cia feudal, muitas vêzes meramente honorífica e conjugando os dois elementos de fôrça e poder, burguesia e realeza, conseguia constituir a parte principal da nova organização política que viria a se chamar monarquia européia.

Com o correr do tempo veio a admitir-se que as comunas só podiam estabelecer-se com o consentimento do rei e por último que êste podia criar burgueses em todo o reino, e quem desejasse ser burguês, bastava deixar de reconhecer a autoridade do **senhor** e invocar a autoridade real.

E assim êste poder, dentro em breve, fazia curvar a cerviz à aristocracia feudal, atenuando a influncia do clero e a tal ponto foi levado êste progresso, que chegou o momento em que os representantes das cidades vieram sentar-se nos Estados Gerais ao lado da nobreza e do clero, constituindo o que se chamou o **terceiro estado,** cujo exemplo típico tivemos na Revolução Francesa de 1789. Eram os primórdios do sistema representativo das monarquias modernas.

O abatimento do feudalismo pelos progressos do poder real, a formação de um poder central fortemente constituído sôbre as ruínas do poder local, a tendência para a constituição de novas monarquias, a descoberta da América e do caminho marítimo para a Índia, a renascença das letras e das artes que começavam a reviver e principalmente a invenção da imprensa, punham têrmo a essa idade histórica.

Eis em resumo o que foi a vida social e política da Idade Média.

* *
*

ORIGENS DA CAVALARIA MEDIEVAL.

Atribui-se à instituição da **Cavalaria** uma origem lendária, remontando à época do rei Artur da vetusta Bretanha, cuja problemática existência se fixa no século VI da nossa éra, fundador que foi da **Ordem dos Cavaleiros da Távola Redonda,** símbolo da igualdade dos cavaleiros da Idade Média e também a Carlos Magno, com os seus doze pares de França.

A história da cavalaria está intimamente ligada à dos países onde se estabeleceu esta milícia que durante alguns séculos tomou parte muito importante nos negócios políticos pela influência, hierarquia e valor dos seus mestres e cavaleiros, servindo assim de poderoso auxílio aos soberanos católicos na defesa da pátria e na guerra implacável contra os inimigos do Cristianismo.

A cavalaria foi o grande momento do feudalismo, sem o qual êste não teria existido. Seu nome derivou-se do principal veículo de guerra na época — o cavalo — e sua origem está explicada na cerimônia que se realizava na antiga Germânia, da entrega a um moço de suas armas de guerra, em presença da tribo reunida.

A palavra cavalaria — diz um notável escritor francês — significava então na Europa um conjunto de costumes, idéias e de acontecimentos peculiares à Idade Média e absolutamente únicos na história da humanidade.

Com efeito, nem na Grécia fabulosa, quando Aquiles pratica os seus homéricos prodígios, nem na Roma heróica de Cincinato ou de Cipião, encontramos nada de semelhante a essa instituição generosa, destinada a amparar os fracos, os pobres e as mulheres e que — embora não tivesse conseguido nunca realizar por completo as suas aspirações — ficou contudo na História como uma nobilíssima e resgatadora aspiração.

Na sua essência a cavalaria era uma associção fraterna, em honra da qual as pessoas de coração, entusiàsticamente, praticavam os atos de maior coragem, as mais extremas gentilezas, as maiores abnegações — era êsse pelo menos o fim generoso que ela se propunha atingir.

Saída embora da nobreza feudal, a cavalaria era animada por sentimentos muito diferentes dos do feudalismo e por isso — segundo a justa observação de Henri Martin:

> "...enquanto o feudalismo ficou sendo um objeto de horror para o povo, a cavalaria, muito ao contrário, conservou-se popular.
>
> Na opinião do povo — acentua o mesmo ilustre escritor — feudalismo significa tirania, opressão dos fracos pelos fortes; cavalaria significa generosidade, proteção dos fortes aos fracos, proteção aos aflitos e oprimidos pelos poderosos e valentes e principalmente proteção das mulheres pelos homens, dedicação do sexo forte pelo sexo fraco e fidelidade inalterável no amor".

Entretanto as origens da cavalaria são ainda hoje um complicado problema para o historiador. Há quem observando os rasgos de cortesia, os primores de hospitalidade, as poesias e tradições verdadeiramente cavalheirescas dos árabes depois de Maomé, lhes tenha até atribuído essas origens. Há quem as atribua aos gauleses, espirituais e já polidos. Há quem as tenha atribuído aos germanos. E com efeito, há muita cortesia galante nos **Niebelungen,** nos seus torneios do século VI; e os

deuses do Velhala escandinavo justavam uns com os outros, depois das libações de hidromel a que os escandinavos davam uma origem divina e atribuiam-lhe uma grande parte na invenção da poesia. Os gauleses tinham na sua língua uma palavra que significava cavaleiro; davam êsse nome aos guerreiros mais audazes que traziam colares de ouro e tanto entre os gauleses como entre os germanos, ninguém ousava pegar em armas sem o consentimento dos seus pares.

Como quer que seja, a cavalaria se foi constituindo gradualmente com o conjunto dos compromissos, das tradições, dos costumes elegantes, das dedicações bizarras, das praxes ou regras que irradiavam de todos os países cristãos e a que os poemas, as canções e os romances da Idade Média imprimiam novos estímulos e mais elevadas aspirações.

Assim a cavalaria só se propagou definitivamente na Europa nos fins do século XI; até então, nas guerras contínuas, nas contínuas invasões dos bárbaros, tinham predominado os sentimentos mais brutais; só nos princípios do século XII, os pré-existentes antigos germens da lealdade, dos sacrifícios, dos amores castos, da proteção aos infelizes, puderam desenvolver-se.

> "Se é certo que o formoso sonho dos paladinos nunca foi uma realidade completa; se é certo que os poetas e os escritores muito contribuiram com as suas idealizações para emprestarem à cavalaria um diamantino e exagerado fulgor, não é menos certo que no tempo de Ricardo-Coração-de-Leão tão esplêndidos rasgos a caracterizaram na Palestina, que o próprio Saladino quis receber as insígnias de cavaleiro" (9).

Na história da cavalaria podem distinguir-se três épocas principais: a primeira, heróica, mais guerreira do que galante; a segunda, muito poética, de intenções místicas e elegâncias corteses; a terceira, já de caracterizada decadência, artificial, quase falsa, entretecida de cálculos interesseiros e da imitação dos antigos paladinos.

A primeira inspirou os poemas carolíngios; a segunda os da Távola Redonda e na terceira já se não admitem as loucuras de D. Quichote, sem as correções positivas de Sancho Pança.

Na primeira estão os poemas devidos aos trovadores, sendo o mais célebre a **Canção de Roldão,** na qual o herói é o sobrinho de Carlos Magno, Roldão ou Roland, morto glorio-

---

(9). — **Chagas Franco, Quadros da História de Portugal, Lisboa, 1917.**

samente em Roncesvales, depois dos seus companheiros terem sido derrotados pelos mouros.

A segunda época é o ciclo tão poético das antigas lendas bretãs, as lendas do rei Artur e da Távola Redonda que tanto excitavam as imaginações e onde o ideal místico e cavalheiresco dos poetas dêste ciclo alcançou uma enorme voga.

Na Alemanha as antigas proezas lendárias tinham já produzido os **Niebelungen** e Eschenbach tinha composto o **Perceval.**

Como tôdas as criações humanas a cavalaria teve um dia o seu declinar, que os espíritos já positivistas, frívolos e interesseiros do século XV, cobriram de ridículo e de desdém. Os heróis da Távola Redonda tinham existido apenas nos romances. As virtudes, a bravura que a cavalaria tinha conseguido espalhar, a cortesia feita de benevolência e de obsequiosidade para com todos, a grandeza da alma, a coragem, a ânsia de correr perigos em defesa de uma dama ou de uma nobre causa que levava gauleses e escandinavos cobertos de gloriosos ferimentos a morrerem com o riso nos lábios, não podiam subsistir nas novas gerações destituídas de ideais, prontas a aceitarem o poder absoluto dos reis, repelindo como ingênuos os encantamentos do passado, as velhas tradições.

Por seu lado, eivados já de materialismo e deprimidos pela incerteza da sua missão, os novos cavaleiros esqueciam os antigos ideais, eram mais valentes do que virtuosos, empregando sua coragem não na proteção dos infelizes e oprimidos, mas na satisfação dos seus rancores e inimizades pessoais.

Os belos **cavaleiros andantes** que passavam largos anos em busca de aventuras levando no peito uma fita ou uma madeixa da dama dos seus pensamentos e que conservando muitas vêzes o incógnito, se anunciavam nos eremitérios ou nos castelos sob títulos por vêzes misteriosos e poéticos, como os de cavaleiro da **lança de ouro,** cavaleiro do **escudo branco** ou da **penitência,** pareciam agora no meio dos seus exagêros, insensatos, irriquietos.

Mas não se pode negar que a cavalaria, à parte seus defeitos, sem dúvida, concorreu bastante para regenerar a sociedade medieval da ignorância dos povos bárbaros, porque a nobreza, compenetrando-se dos deveres de fidelidade, honradez e justiça a que se obrigara pelo juramento de cavaleiro, manteve-se o quanto possível dentro do limite do justo.

A Igreja trazendo ao antigo ritual pagão o necessário cunho espiritual, inculcando na mocidade sentimentos de generosidade, transformou os cavaleiros em campeadores do bem. Ao re-

gulamentar os estatutos da cavalaria, associando os deveres morais aos militares, a Igreja transformara o rude homem feudal em cavaleiro cristão, rodeando-o de preceitos os mais virtuosos.

Norteando, aproveitando durante muito tempo o espírito de generosidade, o espírito de sacrifício e de aventura tão naturais no homem, a cavalaria contribuiu muito para que fôssem deveras sublimes algumas páginas da História Medieval.

* *
*

COMO SE ARMAVA UM CAVALEIRO.

Para se obter o título de **cavaleiro** era indispensável ter completado 20 anos de idade e passar por um noviciado em que se aprendiam os exércitos tendentes a desenvolver a fôrça e a agilidade, bem como os deveres de **cavaleiro.**

O aspirante àquela honra entrava desde a idade de 7 anos ao serviço de algum ilustre Barão ou Cavaleiro. Então era **pagém** ou **donzel** e tinha por obrigação acompanhar o seu senhor, servi-lo à mesa, o que não era desdouro, pois muitos reis foram **pagéns** na sua infância; no castelo recebia as primeiras lições da fé guardada a Deus e às damas. Excitado pelo amor à bravura, o **pagém** continuava nos varonis exercícios que lhe franqueavam a estrada da honra. Na côrte do seu Barão, recebia as instruções e exemplos adeqüados ao seu viver.

Aos 14 anos passava a **escudeiro** e a religião presidia sempre a essas transições; seguia o cavaleiro à guerra, levava-lhe a lança, o elmo no arção e os cavalos à dextra. Nos duelos e nas batalhas ministrava ao cavaleiro as armas necessárias, levantando-o quando caía, fornecia-lhe um cavalo folgado, rebatia os golpes que lhe dirigiam, mas era-lhe proibido pelejar; velava pela segurança dos prisioneiros e na paz, era o encarregado das coisas mais importantes do castelo.

Chegando a idade dos 20 anos e antes de ser armado **cavaleiro** preparava-se para isso o candidato por meio do jejum, da confissão e da comunhão e passava a noite inteira numa capela **velando suas armas.** No dia seguinte, depois de purificado pelo banho, entrava na Igreja com a espada pendente ao pescoço e ajoelhava, depois da bênção do sacerdote, diante do senhor que o devia armar **cavaleiro.**

Os padrinhos punham-lhe as esporas douradas, entregando-lhe sucessivamente a cota de malha, a couraça, os braceletes, etc., e cingiam-lhe a espada.

Feito isto, o senhor que lhe conferira tão alta dignidade, dava-lhe com a espada nua três pancadas no ombro ou no capacete e algumas vêzes tocava-lhe com a palma da mão na face, proferindo estas palavras: **Em nome de Deus, de São Miguel e de São Jorge, faço-te cavaleiro.** E outros acrescentavam: **Sê piedoso, valente e leal.**

Em seguida abraçava-o e dava-lhe a "paz", isto é, fazia-lhe beijar a cruz ou uma relíquia, praticando outro tanto o nóvel **cavaleiro** para com os que se achavam presentes.
qual êle montava para mostrar a sua perícia brandindo ao mes-

Depois de armado traziam-lhe o seu cavalo de batalha no mo tempo a lança e manejando a espada na presença dos espectadores ávidos de tais espetáculos. Desde então poderia participar dos belicosos jogos dos cavaleiros: as Justas, os Torneios e as grandes caçadas.

O **cavaleiro** gozava das mais brilhantes prerrogativas; sentava-se à mesa do rei; estava isento de certas contribuições que a nobreza pagava com o povo; à sua chegada abriam-se tôdas as barreiras, todos os castelos para honrá-lo. As damas iam ao seu encôntro. Se voltava dos combates, desarmavam-no e tornavam a armá-lo para novas pelejas. Eram os únicos que podiam trazer lança, comparecer nos torneios ou justas militares para disputar prêmios, usar do colar de ouro, armadura dourada e ter um catavento sôbre a sua habitação.

Em troca de tôdas estas regalias, jurava o **cavaleiro** combater em tôda a parte a injustiça, defender a viúva e o órfão, obedecer às ordens da sua dama, do seu rei e do seu suzerano e afastar-se dos lugares onde visse traição do vassalo contra o seu senhor, se não se sentisse com fôrças para a impedir.

Êsses juramentos dos lendários guerreiros da Idade Média, serviram a Camões de tema para algumas belas estâncias dos **Lusíadas,** tão cheias de côr e movimento, como nos dá amostra o gracioso episódio dos **Doze da Inglaterra.**

* *
*

OS DOZE DE INGLATERRA.

"Entre as damas gentis da côrte inglêsa,
E nobres cortesãos, acaso um dia
Se levantou Discórdia, em ira acesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.

Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,

Dizem que provarão, que honras e famas
Em tais damas não há para ser damas.

E que se houver alguém, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que êles, em campo raso, ou estacada,
Lhe darão feia infâmia ou morte crua..." (10).

O famoso episódio dos **Doze de Inglaterra** que Camões magistralmente descreve, imortalizou as aventuras heróicas e cavalheirescas de famosos cavaleiros que haviam sido escolhidos para um desafio em campo aberto com outros tantos fidalgos inglêses, a favor de doze gentis damas da Côrte inglêsa, pelo duque de Lencastre, João de Gaunt, filho do rei Eduardo III e pai de Dona Filipa de Lencastre, casada com D. João I, o fundador da dinatisa de Avís.

Doze damas pertencentes à Côrte de Inglaterra, tinham sido afrontadas por uns cavaleiros nobres que, sem respeito nem decôro, lhes chamaram feias,

> "acrescentando que não eram das de mais honra e fama e isso sustentariam em combate com quaisquer cavaleiros que, por sua parte, lhes contradissessem".

As damas injuriadas procuraram quem por sua causa quebrasse lanças com os impertinentes cortesãos, mas não conseguiram quem as defendesse.

O duque de Lencastre, que conhecia a bravura dos portuguêses, que vira

> "nos lusitanos tanta ousadia, tanto primor e partes tão divinas",

tomou a seu cuidado a desafronta das doze damas, por sinal bem gentis e

> "as animou, então, dizendo que, se não achavam na Côrte inglêsa quem as defendesse, não se apoquentassem, porque em Portugal, conhecia cavaleiros na Côrte de D. João I, de muita valentia e pundonor, que tomariam por grande honra tal defesa".

Muito se alegraram as damas ofendidas e aprazaram com o duque enviar mensageiros a Portugal, com convites para

> "os ousados cavaleiros que quisessem ir a Inglaterra cruzar suas espadas em torneio de honra, num campo segurado".

---

10). — **Os Lusíadas, canto VI-XLIV.**

Eram doze também os ofensores e, tendo o duque escolhido os cavaleiros portuguêses que foram repartidos à sorte pelas damas, cada uma delas mandou a sua carta ao seu cavaleiro e o duque outra, em particular, a D. João I, seu genro e ainda mensagens de muita estima e apreço a cada um dêles.

> "Chegado o embaixador a Portugal e lidas as cartas, de boa vontade todos aceitaram o encargo, prometendo achar-se no campo de combate no tempo apresado. Deu-se o comando de entre todos, a Álvaro Gonçalves Coutinho, o "Magriço" e, obtida a licença de El-rei, embarcaram todos no Pôrto, exceto "Magriço" que, desejando ver mundo, quis ir por terra, prometendo estar com êles no prazo marcado".

Foi bem acidentada a viagem do destemido "Magriço", por essa Europa fora e em tantas brigas se viu metido que,

> "ao cabo de jornadear e cruzar o ferro com muitos adversários teimosos e astutos, quando chegou à grande Inglaterra, a sua espada tinha muitas marcas de terríveis golpes aparados".

Os onze companheiros de "Magriço", tendo ido por mar, chegaram a Londres na altura combinada, no ano de 1390. Esperaram impacientes a chegada de Álvaro Coutinho, que muito se ia atrasando, mas no dia marcado para o combate, aquêles estavam prontos e seguiram para o campo, onde o rei e tôda a côrte se dispunham a assistir ao famoso duelo.

Ia grande entusiasmo por todo o campo e as damas, ao lado dos palacianos, acenavam aos seus cavaleiros.

Havia uma, porém, que muito triste, não tirava os olhos lacrimosos da entrada que conduzia ao recinto. Era a dama cuja defesa por sorte, coubera ao "Magriço".

Todos os preparativos estavam terminados e os onze portuguêses aprestaram-se para o combate: os doze inglêses à vista, o terreno marcado e até os juízes sentados, esperando o primeiro sinal de investir, quando por entre a multidão do muito povo que fôra atraído a presenciar a luta, o "Magriço" apareceu numa desfilada diabólica, entre nuvens de poeira, êle e o ginete escorrendo e pingando abundantes suores.

Com o mesmo ímpeto da marcha em que vinha, sem descansar, entra à estacada, levanta a viseira, fala ao rei e às damas, abraça como amigos, os companheiros e ocupa o lugar que lhe pertencia.

> "A dama, como ouvio, que este era aquelle,
> Que vinha a defender seu nome, e fama,

Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta, mais que virtude ama.
Ja dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflamma:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo." (11).

Travou-se logo a mais terrível batalha e saindo de tropel, de uma e outra parte, arremeteram com furor. A pelêja durou muito tempo, ficando os portuguêses vitoriosos, sendo o "Magriço" o primeiro que triunfou.

"Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas, e alegria;
Cozinheiros ocupa, e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores,
Banquetes mil cada hora, e cada dia
Em quanto se detêm em Inglaterra,
Até tornar á doce e cara terra." (12).

Mas o "**Gran Magriço**", sempre ousado e cavalheiresco, teve outras aventuras semelhantes e foi comparsa de acontecimentos históricos, celebrados com grande gala, pelos seus biógrafos.

Em Dunquerque matou em duelo um teutônico de Colônia, chamado Ranulfo, para defender uma condessa Leonor, da aleivosia que aquêle atrevidamente lhe levantara. E, num outro desafio em Orleans, surpreendeu e deu a morte ao francês De Lansay, diante do rei da França, tirando-lhe um colar de ouro do pescoço e lançando-o ao seu, como fatura e irrefutável prova de glorioso triunfo.

E quais foram os companheiros de "Magriço" nesse **torneio** que a História registrou? Diz-nos Jorge Ferreira de Vasconcelos, no capítulo 46 do "Memorial das proezas da Segunda Távola Redonda": Álvaro Gonçalves, o "Magriço"; João Fernandes Pacheco; Álvaro Mendes Cerveira; Álvaro Vaz de Almada, nomeado conde de Avranches pelo rei de Inglaterra; João Pereira Agostim; Lopo Fernandez Pacheco; Luís Gonçalves Malafaia; Martim Lopez de Azevedo; Pedro Homem da Costa; Rui Gomez da Silva; Rui Mendes Cerveira e Soeiro da Costa.

Em quase tôdas as nações houve **cavaleiros**, sendo, porém, a França o principal teatro da **cavalaria**.

---

(11). — **Os Lusíadas**, canto VI-LXII.
(12). — **Os Lusíadas**, canto VI-LXVII.

Muitas vêzes eram armados **cavaleiros** no campo de batalha aquêles que haviam praticado gentilezas de valor.

D. João I depois da batalha de Aljubarrota em 1385, armou **cavaleiro** a Lopo de Azevedo, fazendo outro tanto depois da tomada de Ceuta em 1415, a seus filhos D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique; o mesmo praticou D. Afonso V, depois da conquista de Arzila em 1471, armando **cavaleiro** ao filho do conde de Marialva.

Os próprios reis não se escusavam de serem armados **cavaleiros**. Assim, em 1389, Carlos VI, rei de França, armou **cavaleiro** o rei da Sicília e conde do Maine. Francisco I, também rei de França, fêz-se armar **cavaleiro,** depois da batalha de Marignan, pelo valoroso Bayard, cognominado o **cavaleiro sem temor e sem mácula.**

Algumas vêzes conferia-se êste honroso título antes da batalha, para assim estimular os combatentes a obrarem ações de valor, como praticou o rei D. Fernando "o Formoso", de Portugal, armando **cavaleiro** ao invicto D. Nunes Álvares Pereira de Melo, quando êste se ofereceu para combater os castelhanos que cercavam Lisboa.

Foi na luzida côrte do Mestre de Avís que a **cavalaria** de tôda a Europa achou o seu "Homero", em Vasco de Lobeira; e a sua obra intitulada — **O Amadis de Gaula** — é a primeira e principal novela no extensissímo catálogo dos contos de **cavalaria**. E o próprio Vascode de Lobeira foi também armado **cavaleiro** por D. João I, antes da batalha de Aljubarrota.

* *
*

COMO SE DEGRADAVA OU EXAUTORAVA UM CAVALEIRO.

Vamos descrever agora como eram êles exautorados dessa elevada categoria, quando por qualquer crime ou ação vil, se tornavam indígnos daquela honra.

Primeiramente, reuniam-se em tribunal, vinte ou trinta **cavaleiros** e **escudeiros** antigos, sem mácula, em cuja presença o **cavaleiro** era acusado de traição, perfídia, infâmia ou qualquer outro crime atroz, por um Rei ou Arauto d'Armas, o qual declarava qual era a ação cometida com tôdas as suas circunstâncias e particularidades e nomeava as testemunhas; depois disto, o réu era condenado à morte, precedendo-se-lhe a degradação das honras da cavalaria e nobreza que havia recebido, ou simplesmente à exautoração, o que poucas vêzes acontecia.

Para a execução, faziam subir a um cadafalso o **cavaleiro** condenado, armado de tôdas as suas armas, como num dia de batalha; o seu escudo e brasão de armas eram diante dêle pendurados em um poste, com a parte superior para baixo. Em volta do condenado, sentavam-se doze padres revestidos de suas sobrepélizes, os quais, depois de haver o **arauto** lido a sentença em voz alta, começavam a cantar o ofício dos defuntos, fazendo uma pausa no fim de cada salmo, durante a qual o algoz despojava o réu de uma peça de suas armas, começando pelo elmo e o arrojava fora, gritando ao mesmo tempo os **arautos**:

> **"Isto é o capacete, etc. de um traidor e desleal cavaleiro".**

Ao elmo seguiam-se o colar, a cota de malha que rasgavam em muitos pedaços; os braçais, as manoplas, a espada e cinturão, enfim, tôdas as peças da armadura uma a uma e por último o escudo, que quebravam com um malho.

Depois do último salmo, levantavam-se os padres e fazendo estender o réu ao comprido, de rosto para baixo, cantavam sôbre a sua cabeça o salmo 108, em que se acham estas terríveis imprecações:

> **"Seus filhos fiquem órfãos e sua mulher fique viúva. Seus filhos andem vagabundos e errantes de um lugar para outro, obrigados a mendigar o seu sustento e êles sejam lançados fora de suas pousadas. Não haja quem os socorra e ninguém se compadeça dos seus órfãos; todos os filhos perecerão e o seu nome seja apagado da memória no decurso de uma geração. Que a iniqüidade de seus pais reviva na lembrança do Senhor e o pecado de sua mãe não seja esquecido. Como êle amou a maldição, a maldição caía sôbre êle e penetre como água até ao seu interior e como azeite repasse os seus ossos. A maldição seja o vestido com que êle se cubra e a cinta com que sempre seja cingido".**

Como na ocasião de receber as **ordens de cavalaria**, o noviço entrava num banho para purificar o seu corpo e passava a noite velando na oração e no jejum para purificar a alma, em contraposição desta cerimônia, um **passavante** trazia um caldeirão cheio de água quente; o **arauto** perguntava por três vêzes o nome do condenado e tendo o **passavante** declarado o seu nome, apelidos e senhorios, o mais antigo dos juíes respondia:

> **"Que se enganava, que êsse que nomeara era o traidor e um desleal cavaleiro, como tal indigno do título e**

por seus crimes, condenado à degradação de tôdas as honras e à morte".

Proferidas estas palavras, o **arauto** despejava o caldeirão de água quente sôbre a cabeça do réu. Os juízes, **cavaleiros, escudeiros** e padres, desciam então do tablado e tendo vestido os seus mantos e capuzes de luto, caminhavam para a Igreja. O condenado, que tirado do catafalso por uma corda que lhe passavam por baixo dos braços e estendido sôbre uma padiola coberto com um pano funerário e conduzido também à Igreja, onde os padres lhe rezavam os responsos dos defuntos; no fim dêles, era o réu entregue ao preboste e por êste ao algoz que o executava de morte, se a sentença era tal, ou então ignominiosamente o bania da povoação e do reino.

Concluída a execução, os **reis d'armas** e os **arautos**, declaravam os filhos e descendentes do degradado, vis e ignóbeis de vestirem as armas e de aparecerem em Justas, Torneios ou nas Côrtes reais, sob pena de serem açoitados com varas, como descendentes de um pai infame.

A última destas degradações de que faz menção a História teve lugar em Lyon, na França, no tempo de Francisco I, sôbre a pessoa de Franget, velho fidalgo que; sendo governador de Fuenterrabia e tendo a praça bem provida de homens e munições, a entregou por uma vergonhosa capitulação ao condestável de Castela, sem haver sofrido algum ataque ou feito a menor resistência.

Em tempo de guerra faziam-se as degradações mais expeditamente. Quebravam o escudo do réu e assim o faziam arrastar pelo chão, prêso à cauda do seu cavalo; quebravam-lhe depois a lança, a espada e tôdas ou algumas peças da armadura, ao fim do que o punham com injúria fora do campo montado no seu cavalo, a quem tinham também cortado a cauda.

E para terminar êste capítulo diremos que, nos tempos das Cruzadas, os cavaleiros que tombavam mortos nos campos de batalha eram enterrados junto com as respectivas armaduras e com as pernas cruzadas.

* *
*

ARMAS OFENSIVAS E DEFENSIVAS DA CAVALARIA DA IDADE MÉDIA.

Foi na realidade na Idade Média que a famosa Cavalaria medieval, chapeada de ferro, representou a fôrça principal dos exércitos, constituída pelo cavaleiro nobre(bem montado em

seu possante cavalo, cobertos cavalo e cavaleiro de ricas e brilhantes armaduras e rodeado pelos seus homens de armas, nobres ou vilões. Essa fôrça avaliava-se pelo número de lanças a arma do cavaleiro nobre. Vejamos como e porque. O nobre devia diretamente o serviço militar ao rei, seu suzerano; chamado às armas, convocava seus vassalos e cada cavaleiro ou lança como então se dizia, era acompanhado por um homem de armas, um escudeiro, um pagém, três arqueiros montados e um cutileiro que marchava a pé com as bagagens. A lança representava pois, oito combatentes e uma fôrça de cem lanças correspondia a um mínimo de oitocentos homens.

Só o cavaleiro e o homem de armas usavam armadura de ferro completa, tendo como armas ofensivas a lança, a espada, a hacha ou massa de armas e o montante, enorme espada que andava prêsa ao arção da sela e que se jogava com ambas as mãos. A armadura do homem de armas armado de lança, tinha no lado direito do peito um fulcro em que apoiava o couce da lança no momento de inristar e como complemento de armas defensivas usavam os cavaleiros um escudo redondo, oval ou mesmo triangular, convexos e reforçados com chapas de metal e no qual pintavam o brasão distintitivo de suas casas feudais.

Os arqueiros a cavalo usavam um simples corpete de aço ou de malha e um capacete sem viseira a que chamavam "celada".

Em regra, o cavaleiro fazia suas marchas montado num cavalo de pequena estatura caracterizado por uma andadura mais cômoda do que a do seu pesado corcel de batalha e só vestia a armadura no momento de entrar em combate.

Ao começar o século XII, em tôda a Europa, a **lórica de escamas,** também chamada **coracina,** foi substituída pelo **jazerino** geralmente com **camal,** com seus anéis forjados e achatados de pequeno diâmetro. Esta classe de armaduras extremamente custosas, só estava ao alcance dos cavaleiros ricos e só depois de ter aparecido o fio de arame nos princípios do século XIV, foi então possível generalizar-se, quando se chegou a fabricar estas armaduras com tal perfeição que não podiam ser atravessadas pelo **punhal de misericórdia.**

> "Do século XII em diante, triunfam as cotas de malha de ferro, não mais com placas pregadas sôbre o couro, porém de rêde, vestidas sôbre o **lorigão.** Os cascos são cônicos e os escudos grandes e ogivais. Lanças compridas. Grandes espadas. Aparecem as **cervilheiras** de malha tapando o pescoço e quase todo o rosto. No sé-

culo XIII os homens de armas vestem sôbre o **arnez** de malha os **briais** de pano. Surgem os **bacinetes** e os **elmos** fechados.

As armaduras completas, tôdas de peças de ferro, as **celadas**, os montantes, as lanças de embano, caracterizam o século XV" (13).

O cavaleiro cobria sua cabeça primeiramente com uma espécie de gôrro ou capuz de pano acolchoado, cujas pontas amarravam por baixo da barba. Êste gôrro era quase sempre um presente da dama de seus pensamento, adornado com suas côres prediletas, de onde proveio o costume dos cavaleiros ostentarem não só essas côres, como ainda usá-las pintadas nos seus escudos. As côres dos capuzes tiveram sua origem também nos **lambrequins**, que tão importante papel representam ainda hoje no estudo da ciência herárdica. Esta cinta que a princípio se colocava sôbre o capacete para segurar o penacho da **cimeira**, era também uma prenda amorosa usada pelos cavaleiros que a usavam com as pontas soltas ao vento. Por cima dêste capuz era colocado o **almofar** ou **camal** e por cima dêste e raras vêzes por baixo, o **bacinete** que, tratando-se de combater, era trocado pelo pesado **elmo**, porém, mais seguro.

Na Itália foi usada até o século XVI, além da **cota** de malha que foi sempre mais curta e mais leve que a alemã, a **brigantina**, uma espécie de **corsolete** feita de escamas sobrepostas usada por cima do gibão com as escamas voltadas para dentro.

No século XVI aparece a armadura de placas que substituiu a armadura de malhas; ela foi sucessivamente se aperfeiçoando e completando até constituir pelos anos de 1360 a 1370 o magnífico exemplar do **arnez** completo ou **armadura de ponto em branco**.

As **grevas** e os **coxotes** foram os últimos aperfeiçoamentos do **arnez** do século XVI e com as solhas duplas das pernas, constituem a indicação cronológica mais importante para se poder classificar com exatidão a época de um **arnez** completo.

Até ao fim do primeiro quartel do século XVI a armadura conservou ainda grande parte do seu caráter gótico, adaptando-se sempre à forma humana, elegantíssima e cheia de bom gôsto nos seus mínimos detalhes.

Tornando-se difícil enumerar tôdas as partes de que se compunha uma armadura desta classe, bastando dizer que al-

---

(13). — **Gustavo Barroso, Introdução à técnica de museus. Publicação do Museu Histórico Nacional (Ministério da Educação e Cultura). Rio de Janeiro, 1947.**

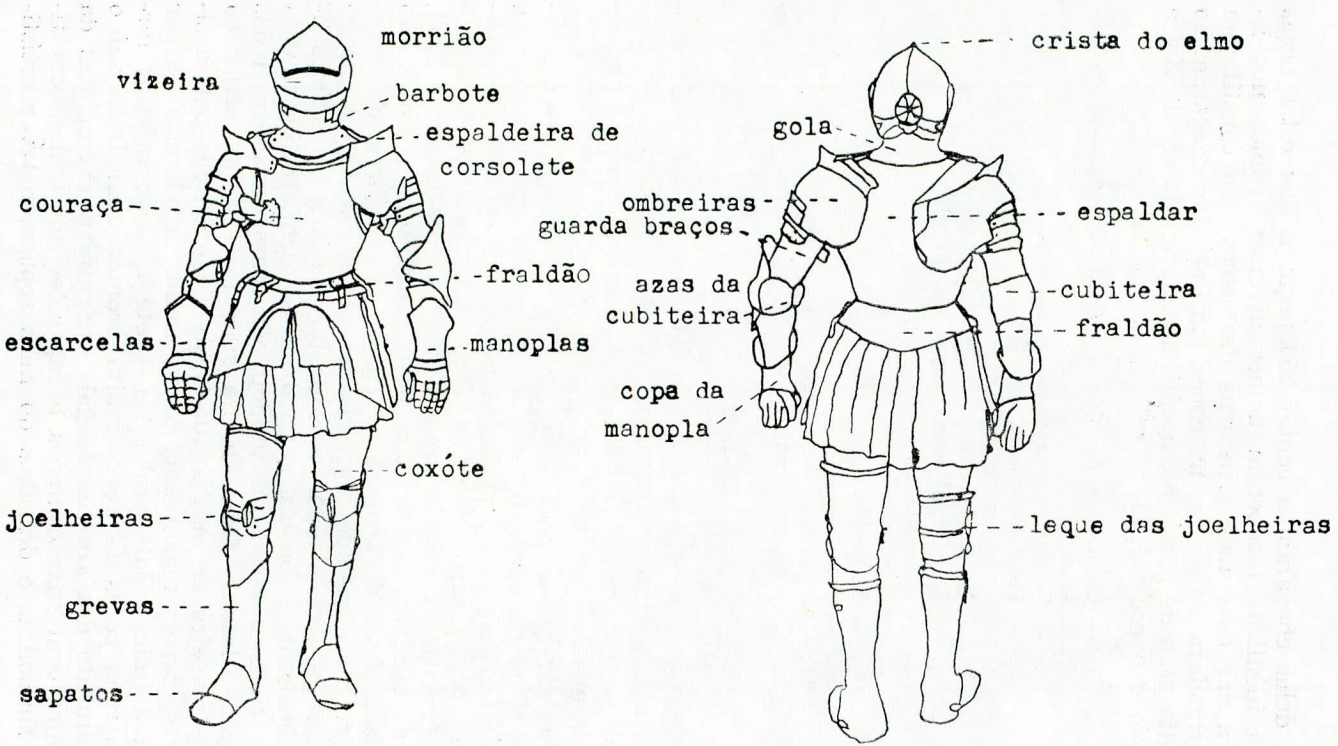

Fig. 1. — Armadura completa.

gumas delas chegaram a contar 250 peças e que estas peças embora idênticas receberam nomes diversos, vamos nos limitar a dar os nomes principais das peças que constituiam uma armadura de placas, na época em que elas chegaram ao mais alto grau de perfeição, no último quartel do século XV e princípio do século XVI.

1. — Celada de barbote e depois elmo cerrado de viseira.
2. — Gorjal com anexos articulados.
3. — Peito de couraça.
4. — Espaldar da mesma.
5. — Espaldeiras.
6. — Braçais e avan-braços (bafurneiras).
7. — Cotoveleiras.
8. — Faldra.
9. — Escarcelas.
10. — Coxotes.
11. — Joelheiras com guardas exteriores.
12. — Caneleiras duplas.
13. — Guantes.
14. — Sapatos de ferro.

Tôdas estas peças eram presas ao corpo por meio de correias, fivelas, parafusos, ganchos, pregos e fechos.

Era muito comum vestirem os homens de armas por baixo da armadura um traje de malha chamado **alpatraz**.

Com exceção do peito — que para resistir ao efeito das armas de fogo da época foi se fazendo cada vez mais pesado, feito de uma só peça forjada, às vêzes composta de três chapas sobrepostas, uma inteira de ferro e duas externas de aço — tôdas as outras peças do **arnez** feitas durante o século XVI, eram de lâminas móveis. Foi neste século que a fabricação de tôda a classe de **arnezes** chegou ao seu maior grau de esplendor. Até a metade dêsse século os arnezes distinguiam-se em duas classes: de batalha ou de torneio com superfícies lisas e brilhantes. Depois, a partir dessa data, sofreram uma grande transformação que mudou por completo a forma das couraças; primeiro, fêz-se muito saliente a linha média do peito a maneira de quilha que a dividia em duas partes simétricas; depois tomou uma forma muito arredondada e por última a linha média prolongou-se até a parte inferior formando uma ponta às vêzes muito pronunciada. Data daí o aparecimento dos **arnezes de gala**, magníficos exemplares da armadura com suas couraças e capacetes adornados com figuras simbólicas e desenhos do mais repassado lavor artísti-

Fig. 2. — Armadura completa do século XV.

co, enriquecidos na sua parte lisa de adornos gravados no próprio metal e finamente cinzelados.

Nas justas e torneios acrescentava-se à armadura a **tarja** ou **tarjeta,** prêsa à parte superior esquerda do peito para o resguardar; sôbre a **tarja** era costume pintar a divisa ou emprêsa que levava o cavaleiro a lutar.

Nos torneios o justador usava por cima da armadura uma cota de veludo ou sêda com as côres prediletas de sua dama, prêsa à cintura por cordão e um largo talabarte ricamente adornado, do qual pendia à esquerda a espada e à direita o punhal.

Ao vestir a armadura, a primeira peça a ser colocada era o **gorjal** de importância máxima, por ser a chave do **arnez;** era êle que aguentava o pêso principal das peças e nele se afivelava as **bafurneiras** ou **braçais de espaldeiras** muito desenvolvidas e a própria couraça, por meio de correias.

Na defesa das pernas começava-se pelos pés, para o qual necessitava o cavaleiro da ajuda de seu escudeiro.

O capacete tinha um talho ou rebaixo circular, mercê do qual descançava diretamente sôbre o **gorjal**, permitindo ao cavaleiro mover lateralmente a cabeça.

Uma armadura completa pesava 48 quilos e às vêzes mais.

Ao mesmo tempo que o cavaleiro procurava resguardar seu corpo, tinha os mesmos cuidados com o seu cavalo, fazendo-o por meio de uma armadura chamada **barda.**

Constava esta armadura das seguintes peças:

Testeira — que protegia a cabeça do animal.
Capizana — que defendia o pescoço.
Barda — que defendia o peito e sustinha os emblemas heráldicos.
Flanqueiras — que protegia os costados.

As pernas do animal ficavam livres, embora na Alemanha chegassem a fabricar **coxotes** e **caneleiras** e mesmo **grevas** para os cavalos, o que é bem de supor não passasse de casos excepcionais e objetos de mera ostentação e vaidade artística.

*

A morte da armadura e do predomínio da cavalaria ao mesmo tempo foi a aparição das armas de fogo nos campos de batalha; quando estas se aperfeiçoaram, passaram a fôrça física e a bravura pessoal a ocupar um plano secundário. A armadura, mesmo as do século XVII com a sua pesadíssima

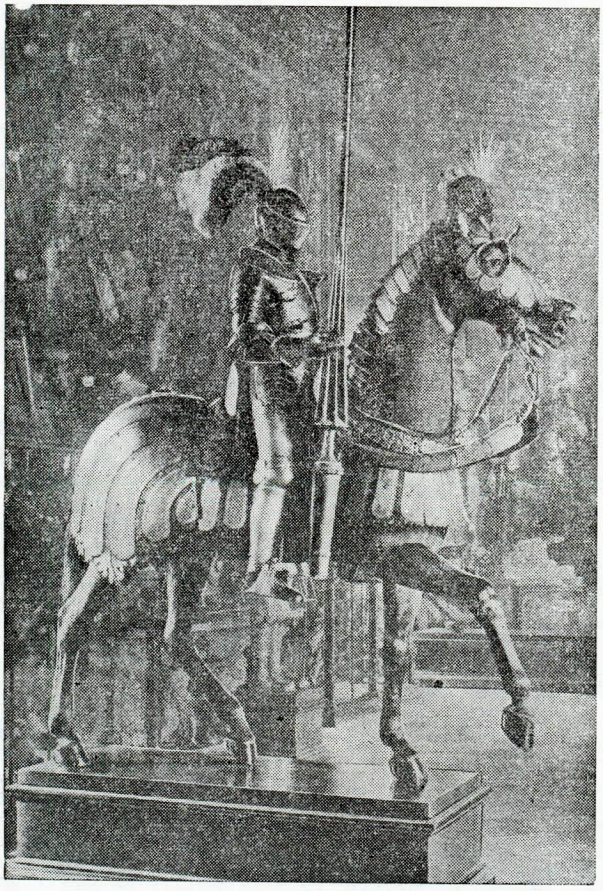

Fig. 3. — Armadura que recobria o cavalo de batalha.

couraça, tornara-se uma fábrica de congestões e de apoplexias e as feridas produzidas pelas balas nas pernas, agravadas pelos estilhaços das grevas, tinham quase sempre como conseqüência obrigatória a mutilação dos membros. Daí a razão do abandôno em tôda a parte e quase ao mesmo tempo do uso da armadura, isto é, no último quartel do século XVI.

"Come trovasti, o scellerata e brutta
Invenzion, mai loco in uman core?
Per te la militar gloria é distrutta
Per te il mestier dell'arme é senza onore:
Per te il valore e la virtu ridutta,
Che spesso par del buono il rio migliore:
Non piú la gallardia, non piú l'ardire
Per te púo in campo al paragon venire" (14).

Realmente, a descoberta da pólvora feriu de morte a cavalaria. Basta recordar as frases amargas dedicadas por Cervantes aos "endemoinhados instrumentos de artilharia" para se compreender o terrível efeito que estas armas de fogo, apesar de ainda toscas, fizeram àquêles cavaleiros todos cobertos de ferro, acostumados a depreciar dentro de sua invulnerável armadura o mísero peão que não podia opor aos golpes de sua espada defesas tão completas, nem de tão excelente têmpera.

Não menos amarga é a queixa de D. Quixote:

"Bem hajam — exclama — aquêles séculos benditos, isentos da espantosa fúria dêstes endemoinhados instrumentos de artilharia, cujo inventor — tenho para mim — há de estar no inferno recebendo o prêmio de sua diabólica invenção. Deu ela causa a que um infame e covarde braço arranque a vida a valoroso cavaleiro. Sem saber como nem donde, ao meio da coragem e do brio, que animam e inflamam um valente peito, chega uma bala perdida disparada talvez por mão de quem fugiu assombrado do clarão feito pelo ao disparar, a máquina maldita e corta e aniquila num instante, os pensamentos e a vida de quem merecia gozar longos séculos (15).

Era inevitável, pois, que desde o momento em que a armadura, apesar de desmedidamente reforçada, deixou de oferecer segurança bastante contra as balas dos arcabuzes e mosquetes e perdida a confiança que nela se depositava, fôsse pouco a pouco abandonada.

(14). — Ariosto, Orlando furioso, canto XI.
(15). — Cervantes, D. Quixote, parte I, cap. XXXVIII, edição de Londres, 1876.

Razão tinha Ariosto ao se referir à descoberta da pólvora e à sorte da cavalaria:

> "Como pudeste encontrar guarida no coração humano, cruel e celerado invento? Por ti, foi destruída a glória militar; por ti, ficou sem honra o ofício das armas, foram por ti, rebaixadas a bravura e a fôrça, porquanto, por ti, freqüentemente, parece o covarde mais valente do que o bravo. Por tua causa, não mais podem distinguir-se nos campos de batalha, a galhardia e a intrepidez".

Na realidade, foram as armas de fogo e o invento da pólvora, os agentes destruidores a que se deve a decadência e a extinção completa da armadura e das armas brancas em geral, fato sobejamente provado pela quantidade de armas esburacadas e varadas pelas balas e pelouros que hoje vemos nos grandes museus de armaria.

Para que melhor se compreenda a vida dos cavaleiros medievais e o seu armamento, anexamos uma relação das peças usadas pela famosa Cavalaria da Idade Média tão cheia de gloriosa história e de evocadoras lendas.

* *
*

NOMENCLATURA DAS ARMAS OFENSIVAS E PEÇAS DA ARMADURA USADAS PELA CAVALARIA DA IDADE MÉDIA.

— A —

ACHA D'ARMAS — arma dupla de dois cortes e que mais tarde foi aumentada com uma ponta de lança.

ACICATE — espora com uma só ponta.

ACONTIADO — nome porque eram designados os cavaleiros pobres e vilões, homens de armas a cavalo e os assalariados.

ADARGA — arma intermediária entre a espada e o punhal, muito usada no século XV. Era a espada do peão e foi sujeita a inúmeras variantes, das quais a mais singular é a adarga "língua de vaca", larguíssimo gládio, cuja forma o nome indica.

ADEXTRADO — nome porque se designou o cavalo de batalha.

ALABARDA — arma de pau com ponta perpendicular de ferro, aguda no meio e em meia lua cortante por um lado e do outro de feição de machado. Também se designava por êsse nome uma espécie de escudo composto de couros dobrados com duas embraçadeiras na parte côncava, por onde se enfiava

o braço esquerdo e com uma abertura em que se metia o polegar para segurar o broquel; era de forma quase oval e algumas de feitio de um coração.

ALBORNOZES — o mesmo que **saio.**

ALMOFAR — o mesmo que camal.

ALMOFREIXE — mala grande em que se levava cama nas jornadas.

ARAUTO D'ARMAS — oficial que nas monarquias da Idade Média ia declarar guerra às potências estrangeiras ou que era encarregado das publicações solenes e de diversas funções nas cerimônias públicas.

ARNEZ — armadura completa de um homem de armas.

ASCUNA — pequena lança antiga de arremesso.

ATAFAES — (ataifal) cinta larga e franjada que trazem as bestas de carga em redor da anca.

AVAN-BRAÇO — ver **braçais.**

AZAGAIA — lança curta, usada pelos mouros e negros.

AZAS DA CUBITEIRA — peça da armadura que protegia a sangria dos braços.

— B —

BABEIRA — tira de ferro ou de aço que defendia a barba e que servia também para assentar o pêso da viseira, tornando-a mais fixa e menos incômoda.

BACINETE — morrião ou peça da armadura que cobria a cabeça para defendê-la das armas ofensivas. O morrião era um capacete sem viseira, com a forma do casco da cabeça e ordinàriamente enfeitado no tope com plumas ou outro adôrno.

BACINETE DE CAMAL — parte da armadura que substituindo o pesado **elmo** (reservado só então para justas e torneios, nos fins do século XIV) era um capacete oval, elevado, ou antes, ogival, ao qual se prendia um comprido e largo cabeção de malhas.

A êste se acrescentou, para defesa da cara, um apêndice móvel girando sôbre parafusos, que o cavaleiro baixava ou levantava à sua vontade. Descido, fazia lembrar o focinho de um lobo; foi a primeira **viseira** em sua primitiva forma. Os capacetes dêste formato foram conhecidos em Portugal por **barbudas.**

BAFURNEIRA — o mesmo que braçal.

BAJÚ — ver **saio.**

BALANDRAU — ver **surrão** ou **çurame.**

BARBOTE — peça antiga da armadura que cobria a barba.

BARBUDAS — apêndice móvel girando sôbre parafusos, que o cavaleiro baixava ou levantava à vontade. Descido, fazia lembrar o focinho de um lobo; foi a primeira forma da viseira.

BARDA — peça da armadura do cavalo de batalha, que defendia o peito e sustinha os emblemas heráldicos.

BARDÃO — parte da armadura do cavalo que cobria a anca tôda e com um prolongamento em lâminas que defendia parte da cauda.

BESTA ou BALESTRA — espécie de arco de coronha para arremessar frechas.

BEZANTE — entendia-se por bezante na Idade Média os buracos redondos de que estavam crivados os lados e a face dos elmos de guerra ou de torneio, para permitir a passagem do ar.

BIZAGUDO — ou forcado, cuja forma o nome está indicando e que servia principalmente nos assédios das praças.

BIZARMA — ferro fortemente colossal, terminando em ponta, de lança agudíssima e com um ou mais espigões ou rostros, projetando horizontalmente o seu ferro; junto a haste ia engrossando. Era ao mesmo tempo lança, foice, hacha e martelo. O gancho em forma de podão, servia para derrubar o cavaleiro e cortar as pernas aos cavalos. Os ferimentos desta arma eram horríveis.

BORDA — pesada e tosca massa de madeira crivada de pregos.

BORGUINHOTA — (do francês **bourguinotte**). Capacete em uso desde o fim do século XV até ao fim do século XVI. Foi o último capacete usado pela infantaria de Luís XIV.

BRAÇAL — peça da armadura que protegia os braços. O **braçal** é o conjunto das peças que armam o braço nos arnezes de ferro ou aço batido. Formado primeiro por meios canos embutidos, apertados sôbre as mangas de malha, completa-se no princípio do século XIV, pela **cubiteira** embutida que protege o cotovelo, com asas que preservavam mais ou menos o sangradouro. Desde cêrca de 1350 o **braçal** aparece completo com suas três divisões, que persistem até cêrca de 1660. Nas armaduras de torneio, no século XV, os **braçais** eram muitas vêzes feitos de couro embutido ou de pequenos varões de madeira justapostos e colados, segundo o método de que as grevas de jogadores de cricket, nos mostram ainda exemplos. O uso dos **braçais** mais ou menos completos, reduzidos principalmente ao cano de aço protegendo a extremidade do ante-braço, existe ainda hoje no norte da Índia.

BRAÇAIS DUPLOS — eram feitos de duas peças unidas por meio de gonzos exteriores e afivelados, encerrando o braço como num estôjo, do pulso ao cotovelo; em breve se completou por forma idêntica a defesa do braço, do cotovelo ao ombro, defesa que se denominou **avan-braço** (fins do século XIII).

BRACELÕES — armadura dos braços.

BRIGANTINA — cota de malha estreita usada durante o século XV e a primeira metade do século XVI. Era um tipo de armadura leve, constituindo um excelente meio de defesa para os combatentes.

BROQUEL — escudo redondo e pequeno; usou-se muito nos séculos XV e XVI, especialmente na Itália e Espanha.

BRÚNIA — **brunia, brunea** ou **bronia,** são em espanhol, os nomes de uma espécie de armadura, variedade da **lórica** e que usou entre os séculos X e XIII; constituia-se de uma túnica bem larga de algodão cru ou lã rústica, com mangas que chegavam abaixo do cotovelo e estavam cobertas exteriormente de escamas ou malhas de aço.

BRÚNICA — ver BRÚNIA.

BULHÃO — ver ESTOQUE.

— C —

CABACETE — variedade do capacete; tem o timbre oval ou antes ogival, com uma aresta viva muito pronunciada, desde a cara até a nuca, terminando em bico no topo; não tem crista ou cimeira; na base remata em aba ou virola horizontal, estreita; é destituída de elegância e foi muito usada pelos piqueiros ou chuceiros.

CABACETE MORRIÃO — ver CELADA.

CABEÇÃO ou capuz de malha — peça da armadura, usada nos princípios do século XIV, que defendia os ombros ao qual aderia por vêzes uma manga larga e curta, sobrepondo-se-lhe uma rodela de cada lado do peito com meio palmo de diâmetro aproximadamente.

CAMAL — elmo, capacete de malha de aço, decaindo sôbre os ombros.

CAMBAIS — espécie de vestuário militar com que a peonagem defendia o corpo.

CAMISOTE — espécie de armadura que cobria todo o corpo.

CANELEIRAS — armadura deefnsiva das pernas; parte da armadura que cobria o pé e parte das pernas até aos joelhos. As "peras" em uso desde os tempos heróicos, protegiam a parte dianteira das pernas, desde o tornozelo até ao joelho; eram formadas por uma ou muitas peças de metal, reforçado internamente com couro e prêsa com correias e fivelas. Eram às vêzes de bronze cinzelado e dourado.

CAPACETE — armadura defensiva para proteger a cabeça. Difere da barretina por ter a copa ovada e saliente na parte posterior.

CAPARZÃO — ver **Capizana.**

CAPELO — peça da armadura que defendia a cabeça; elmo ligeiro, usado principalmente nas justas e torneios.

CAPIZANA — assim se denominava, segundo o conde de Clenard, a peça formada por várias lâminas de ferro que se montavam umas sôbre as outras e destinadas a proteger a parte superior do colo do cavalo. Na sua parte superior, se unia com uma bisagra a testeira e na parte inferior, as demais

peças que resguardavam o corpo do animal. Muitas vêzes esta peça era adornada como a armadura, com delicados trabalhos de cinzelador.

CELADA — armadura de ferro defensiva da cabeça.

CELADA MORRIÃO — morrião com pretensões clássicas de guarda-nucas e jugulares, usado no século XVII.

CERVILHEIRA — armadura defensiva da cabeça, constituída por uma espécie de capacete com aba. A cervilheira data dos séculos XII ao XVI; era então chamada uma **secreta** e os peões usavam-na ordinàriamente sob a copa do chapéu. Êste hábito durou por muito tempo porque no século XVIII, não poucos cavaleiros tinham o casco do seu tricorne revestido de ferro.

A cervilheira primitiva compunha-se só de uma peça; mas do século XIV era feita de placas imbicadas muito engenhosamente para resistirem a uma pancada violenta. No século XIII e antes, a uma murça ou um mantelete de malhas cobrindo a cabeça e o pescoço, juntava-se a cervilheira e ligava-se a ela. Falou-se de cervilheiras feitas de cordas entrançadas; na sua maioria, êsses objetos eram simplesmente bonés de banho do século XVI, como nos mostra Alberto Dürer.

CHICOTE D'ARMAS — conhecido também por **flagelo**; espécie de azorrague cujos loros eram cadeias das quais pendiam esferas de ferro crivadas de espigões agudos.

CHUÇA ou CHUÇO — variantes do **pique**.

CIMEIRA — penacho ou outro adôrno do capacete. Timbre do escudo.

COBRENUCA — espécie de pala dos capacetes para resguardar a parte posterior da cabeça.

COLAR ou GOLA — ferro circular que se punha em tôrno do pescoço do homem de armas, sôbre o peito e espaldar.

COLEIRA — o mesmo que GORJAL.

CORACINA — era na armadura antiga uma espécie de couraça de ferro ou aço, que protegia o peito e o espaldar.

CORPOS DE SOLHA — meia couraça ainda não completa e feita de lâminas articuladas, a qual defendendo o estômago até à altura das peitorias, prolongava-se da cintura para baixo em lâminas horizontais para defesa dos rins; defendia as costas uma peça idêntica.

CÓRSICA ou CÓRSISCA (**roncone** dos italianos) — espécie de tridente com as duas pontas laterais em curva concêntrica, originária da Córsega, como o nome indica.

CORSOLETE ou CORSELETE (do italiano **corsoleto**) — peito de armas, corpo de couraça composto de peitilho e de costas, com coleira aderente, apertado na cinta e sem escarcelas e guarda-rins. Os **corsoletes** foram a origem das modernas couraças; apareceram na segunda metade do século XVI, constituindo uma armadura dos peões que as usavam com colete de pele do búfalo e mangas de malha. Muitos **corso-**

letes da época de Henrique III eram feitos de três peças, abrindo-se o peitilho em dois pela parte lateral do torax, com botões girantes. Esta disposição é muito comum nos **corsoletes** persas, índios, polacos e ainda nos modernos; geralmente compreendia-se por **corsolete** um corpo da armadura com braços e por extensão, o homem que a usava.

COTA — saio ou saiote apertado na cintura e que chegava ao joelho. Veste que antigamente os cavaleiros punham sôbre as armas, tanto na guerra, como nos torneios. Cota de malha, armadura defensiva e em forma de camisa, feita de malha ou pequenos anéis de metal entrelaçados. Era uma saia de malha estreita usada em França no tempo de Carlos VII.

COTOVELEIRA — peça da armadura que defendia o cotovelo.

COURAÇA — espécie de peitilho, a princípio de couro e daí o seu nome, de ferro ou outro qualquer metal, que servia para proteger o peito e as costelas do cavaleiro. O emprêgo das armas de arremesso foi que criou o uso das couraças. Entendia-se na Idade Média por couraça tôda a defesa do corpo feita de couro, mais ou menos reforçada de pregos, de lâminas de ferro e foi por progressos sucessivos que se chegou a forjar corpos completos de armaduras que caracterizam os arnezes do século XIV, a chamada armadura completa, expressão mais alta das armas defensivas. Como as da Antigüidade clássica, eram marteladas de modo a reproduzir as saliências do torso como se vê em algumas das peças da Renascença chamadas **à antiga**, entre as quais a armadura pertencente a Carlos V exposta na **Armeria de Madrid**, obra de Bartolomeu Campi e considerada a mais justamente célebre. A história da couraça liga-se à da armadura até fins do reinado de Luís XIV, quando foi ela usada sem braçais nem escarcelas e muitas vêzes para os combates punha-se sôbre a couraça do peito uma peça de refôrço que se aparafusava e que era à prova de bala; essas duplas couraças entretanto, além de muito caras, eram muito pesadas.

Dá-se o nome de **defeito de couraça**, ao sulco em que a parte de trás vem juntar-se à da frente e onde ordinàriamente se encontra um espaço ou intervalo por onde podia ser ferido o cavaleiro.

A **couraça anelada** era a couraça feita de placas de ouro e de placas de metal alternadas.

Na atualidade, alguns exércitos conservam ainda regimentos montados, na sua maior parte tropas de parada que usam couraça. A essas fôrças de cavalaria dá-se o nome de **couraceiros**, sem dúvida, por um respeito à tradição, aos tempos lendários da Cavalaria da Idade Média, cujas proezas têm tanto de heroismo como de poesia romântica.

COXOTE — parte da armadura que cobria as coxas.

CUBITEIRA — armadura ou parte da armadura que defende o ante-braço.

ÇURAME — ver SURRÃO.

CURVILHEIRA DE FERRO — espécie de coifa pequena que se usava, quer por baixo do capuz de malha, quer por cima e que se sobrepunha em ambos os casos a uma coifa ou chapeirão estofado.

— D —

DESMONTADOR — instrumento que servia para derrubar o cavaleiro (em francês, **désarçonneur**).

— E —

ÉGIDE — escudo antigo; era primitivamente uma pele de cabra com que se cobria o peito e as espáduas para as preservar dos golpes do inimigo nos combates, ou servia para se envolver nela o braço esquerdo à guisa de escudo. Era, pois, uma espécie de manto de guerra, como se vê em diversos monumentos, por exemplo, na estátua de Juno Sanuvina existente no Vaticano.

ELMETE — forma de capacete em que as peças constituiam um todo; é o **elmete** ou **elmo** de viseira que participa do caráter da celada e do elmo antigo e que ficou sendo o tipo definitivo do capacete do cavaleiro, o qual, salvo modificações artísticas de feitio, só deixou de se usar absolutamente no século XVII.

ELMO — o grande **elmo** cavalheiresco do século XIII é um resguardo de aço metido dentro de uma calote por vêzes hemisférica, mas sempre abatida, senão achatada. Êste resguardo descança nos ombros, é munido de um espêsso chumaço, sendo bastante largo para que a cabeça se mova dentro, sem que mude de posição; muitas vêzes é ligado ou afivelado ao peito e às costas. Um apêndice de refôrço em forma de cruz está pregado diante da face, tendo aberturas para a entrada do ar e para a vista. À medida que a arte do armeiro se aperfeiçoa, o **elmo** torna-se cada vez mais forte e mais leve, a calote torna-se esférica, ovóide em cúpula, ponteaguda, para dar menos campo aos golpes; a viseira acaba por se mobilizar ou abrindo-se em charneira ou levantando-se e abaixando-se por via de gonzos. O **elmo** do século XIV é muito alto e vai afilando-se para a parte superior a partir das fontes, não têm viseira móvel no tipo mais vulgar. Não se punha na cabeça, senão pela ocasião de carregar e colocavam-lhe por cima o pequeno bassinete que o camacho de malhas mantinha fixo na cabeça. O **elmo** era levado num estôjo ou custódia de couro afivelado no arção da sela; quando o inimigo estava à vista, o senhor sus-

pendia o seu **elmo** a uma cadeia prêsa ao plastrão e o levava no botão do arção da sela para se cobrir com êle quando fôsse preciso.

O **elmo** desapareceu como resguardo de guerra por volta de 1330 e foi substituído pelo grande bassinete, mas nas justas usaram-no ainda, sobretudo na Alemanha, durante dois séculos.

Por volta de 1550 o chamado "cabeça de sapo" ainda era usado. O **elmo** de torneio era quase esférico e gradeado no rosto. Cilíndrico, muito largo, chato para cima, abre as fendas que serve para ver, mas muito altas para que o ferro da lança não entre por ali.

Os elmos funerários eram capacetes de pau ou de couro que se colocavam munidos de cimeiras e lambrequins, nos túmulos dos nobres; nas igrejas mais tarde, expôs-se apenas seu simulácro nas estátuas erigidas aos lados do sepulcro. Foi sobretudo moda suiça e alemã.

Os **elmos** heráldicos são os do século XVI, pouco modificados.

ELMO DE CIMEIRA — elmo fechado na frente com uma grade fixa ou postigo perfurado de orifícios, para permitir ao cavaleiro ver e respirar; era encimado com o timbre heráldico do cavaleiro.

EMPUNHADURA — o mesmo que impolgadeira.

ESCARCELAS — parte da armadura, oblongas e verticais, que se suspendia com fivelas, o que era comum a tôdas as peças, pela frente da falda e que completava a defesa das coxas. O nome de **escarcelas** vinha-lhe da bôlsa que naquela época se usava pendurada do cinto ou "pretina", junto com o bulhão, cutelo ou punhal e assumiram as formas mais variadas, mas sempre elegantes, nas belas armaduras góticas dos séculos XIV e XV, principalmente nas alemãs.

ESCUDEIRO — no reinado dos imperadores do Oriente, denominava-se **scutari** ou **scutiferi** aos cavaleiros armados de lança e broquel, constituindo o escol do exército.

Na Idade Média denominavam-se assim os moços nobres que aspiravam à cavalaria, ficando ao serviço de um cavaleiro como uma espécie de criadagem. Os escudeiros tinham o maior respeito para com o cavaleiro. Deviam ceder-lhe os lugares de honra e levar-lhe o escudo ou o broquel. Não podiam selar os seus documentos como os cavaleiros que eram representados nos seus sêlos a cavalo e com a armadura completa. O escudeiro não podia usar esporas douradas nem vestuário de veludo, mas podia usar esporas prateadas e vestuários de sêda.

Antes de escudeiros, os moços fidalgos desempenhavam as funções de pagéns. Era preciso ter catorze anos de ida-

de para se alcançar o grau de escudeiro, que se conferia com grande cerimonial. Servia-se neste cargo durante sete anos pelo menos.

Nos séculos XIV e XV, a decadência em que caiu a cavalaria, modificou o caráter das funções do escudeiro. Tornaram-se cada vez mais em serviços de criadagem, na acepção moderna, notabilizando-se, bem entendido, pela diversa condição social do senhor e do servo. Era, a êsse tempo, o terceiro grau da hierarquia nobiliária. Depois dos senhores titulares (duques, príncipes, marqueses, etc.) e dos cavaleiros (castelões e possuidores de feudo), vinham os escudeiros, compreendendo todo o resto da nobreza, isto é, os fidalgos togados ou de espada.

Os escudeiros eram designados pelos seus emprêgos: escudeiro da câmara, ou camaristas; escudeiro trinchante, ou trinchante, etc. Chegou-se mais tarde a denominar escudeiros, pessoas que exerciam certas funções domésticas, sem serem nobres e, inversamente, nobres que não tinham recebido o grau de cavaleiros, embora não tivessem estado ao serviço de nenhum outro nobre.

Na côrte, os escudeiros eram os oficiais encarregados da administração das estrebarias do rei, à frente das quais se achava o primeiro escudeiro. Acima dêste personagem via-se o grande escudeiro ou **estribeiro-mor,** um dos mais altos cargos da côrte e dos mais lucrativos.

Dos outros oficiais dêste título, o **primeiro escudeiro** dirigia a pequena estrebaria real, isto é, os cavalos de que o rei se servia mais geralmente, os carros e as cadeirinhas. Uma das funções do primeiro escudeiro era dar a mão ao rei para subir para as carruagens ou ajudá-lo a montar a cavalo. No exército, o escudeiro do rei servia-lhe de ajudante de campo. Era quem vestia ao rei a couraça e demais armas. O **primeiro escudeiro trinchante** figurava nos banquetes de cerimônia, por exemplo, quando da sagração do rei. Quando o rei comia nas grandes cerimônias, o **escudeiro da bôca** pousava os pratos sôbre uma mesa preparada para êsse efeito e apresentava-os aos gentilhomens serventes. Êstes faziam com que os provadores experimentassem cada um dos pratos.

ESCUDEIRO-FIDALGO — primeiro título de nobreza que se concedia a plebeus ou a pessoas que não tinham fôro de jus e herdade e também como acrescentamento ao de moço de câmara.

ESCUDETE — pequeno escudo, chapa em forma de escudo, onde estão representadas as armas de alguma família.

Era também parte da armadura que protegia as ancas do animal.

ESCUDO — arma defensiva, de forma geralmente circular, oval ou oblonga, mas que podia também apresentar outras varie-

dades de configuração e que se enfiava no braço esquerdo por meio de braçadeiras. O **escudo** é o broquel usado pelos homens de armas na Idade Média. Parece derivar do **scutum** romano. E' uma secção vertical de cilindro, talhado em ponta inferiormente e cujo contôrno superior é, segundo os tipos e as épocas, reto ou arqueado. Por vêzes representa no centro a saliência de metal que se denomina **umbo,** contendo essa protuberância uma barra transversal que serve para empunhar o escudo; geralmente, porém, observam-se aí duas braçadeiras. Denominava-se **guige** a correia com que se trazia o escudo em aspa ou suspenso ao pescoço. De resto, apenas se conhecem os escudos pelas estátuas ou desenhos dos manuscritos, pois que nenhum dêstes broquéis foi conservado. Apenas alguns **pavezes** ou escudos menores dos peões, nos podem dar uma breve idéia dêles. Os **escudos,** qualquer que fôsse a sua forma, eram feitos de madeira com bordo e guarnições de ferro. Um revestimento de pano e de pele e um acolchoamento interior, completava a sua arquitetura. Na face exterior, eram traçadas as figuras que, na origem, serviam para reconhecer o homem de armas; razão esta porque se denominaram "reconhecimento de escudos" êstes primeiros ornatos que foram primitivamente emblemas heráldicos. Os mais antigos **escudos** medem 1,35 metros de altura. A partir de cêrca de 1280, vão diminuindo de dimensões, afetando uma forma triangular. À medida que a armadura se aperfeiçoa, vão se restringindo, até que no século XV desaparecem do armamento cavaleiroso, para só figurarem nos torneios onde, dentro em pouco, são também suplantados pelas **tarjas** e **saios de armas.** O **escudo** do guerreiro nobre era quase sempre ponteagudo no fundo, enquanto que os dos peões, segundo o cerimonial dos combates singulares, devia ter para cima a parte ponteaguda. Havia no entanto escudos arredondados em baixo, como os dos provençais. Em resumo, a sua forma mais habitual observava-se no brasão, que é a figuração teórica do escudo. A adarga mourisca que no século XIV esteve algum tempo em uso, não é mais do que uma modificação do escudo, devendo ainda indicar-se, além do **escudo** pròpriamente dito, do **broquel** e da **adarga,** a **rodela,** o **pavez** e a **égide.**

ESPADA — a espada é a arma mais verdadeiramente digna de atenção nos períodos posteriores à evolução do Renascimento. Quando caíram em desuso as justas e os torneios, começaram a tomar incremento os duelos e com êstes o aperfeiçoamento do jôgo das armas de punho. Nasce então a esgrima. Êste fato explica a importância que assumem a espada e o punhal durante o período do Renascimento, até que as repetidas proibições e medidas enérgicas de repressão, a que deu lugar em quase tôda a Europa a mania dos

desafios e combates noturnos nas ruas das cidades, convertem a espada em arma privativa de militares e condenam o punhal como arma ilícita, resultando no século XVIII, a decadência absoluta destas armas.

A espada do Renascimento tem uma feição característica que a distingue da dos períodos anteriores; ao punho, até então em cruz, acrescenta-se um varão semi-circular para defesa da face dorsal da mão. Pouco a pouco se lhe vão acrescentando mais peças; ao varão reto horizontal (os quartões) que forma como que os braços da cruz, sobrepõe-se outro varão cujas extremidades recuam para o punho e dois argolões que por baixo dos quartões vão prender ao espigão da fôlha. Êste é o tipo dominante da espada durante quase tôdas as três partes do século XVI. Depois vai se multiplicando gradualmente o número dos varões que formam o guarda-mão e vemos êste recurvar-se em espiral em direções várias, disposições esta que os artistas aproveitam para a sobrecarregar com lavores em relêvo, em gravura, embutidos e esmaltes por vêzes riquíssimos; muitas das espadas que nos restam dos fins do século XVI são verdadeiras maravilhas artísticas.

Os mais notáveis centros de fabricação de espadas foram por muito tempo, Toledo e Sevilha (na Espanha), Solingem (Alemanha central) e mesmo em Portugal existem muitas espadas trazendo êste nome gravado na fôlha.

Até ao meado do século XVII as guardas da impunhadura das espadas são ainda mais complexas; as guardas e contra-guardas descrevem por baixo dos quartões e na direção da fôlha, curvas quase tão complicadas como as da parte superior ou guarda-mão. Os tipos principais da espada quinhentista, alguns dos quais atravessaram ainda uma parte da centúria imediata, são os que passamos a apontar.

A **espada** pròpriamente dita tem a fôlha reta, lisa e com a largura da moderna espada-sabre; é sempre de dois gumes e aguda na extremidade; o nome **espadão** (do italiano **spadone**) é vocábulo que a princípio designou a espada de mãos ambas e que se ficou aplicando a tôda e qualquer espada longa e de fôlha larga.

O **rapier** (espada alemã) que foi sempre arma de duelo — variante do estoque, ou espada para ferir de ponta — era tão longo e pesado quase como o espadão, tendo na base da impunhadura uma chapa dupla em forma de concha e geralmente crivada de orifícios.

O **estoque**, descende do "estoque de duas mãos" dos cavaleiros do período ogival; reduzidas as suas dimensões, torna-se arma traiçoeira, sendo por isso a mais perseguida e sujeita a proibições.

O **chifarote (bracquemart)** espada larga e curta, aguçando para a ponta e que parece ter sido uma imitação do

paragonium romano, já foi usado pelos peões do século XV e continuado no XVI, sujeitando-se-lhe a impunhadura ao sistema das guardas fechadas da época.

O **malchus**, constitui variante do **chifarote** (de origem italiana) que é hoje difícil distinguir daquele; tem contudo quase sempre um guarda-mão simples que liga com os quartões, a parte anterior, dos quais recua para baixo como a do sabre de polícia.

O **sabre** (do alemão **soebel**) aparece durante alguns anos no meado do século XVI e segundo tôdas as probabilidades, por imitação das espadas dos húngaros ou dos turcos; participa do sabre moderno e do alfange ou cimitarra oriental; o punho curva-se em sentido oposto à lâmina e o guarda-mão é interrompido, não se ligando ao pomo da impunhadura, que representa quase sempre uma cabeça de animal fantástico.

A **esclavônia** (do italiano **schiavona**) cuja fôlha tem o comprimento e a forma do moderno sabre e como êle um gume apenas, e cujo guarda-mão tem as guardas e contra-guardas reunidas numa só peça rendilhada e recortada em linhas geométricas, por muitos anos confundida e ainda hoje a confundem alguns, com o **claymore** escocês; adotaram-lha efetivamente primeiro alguns regimentos de cavalaria escocesa nos fins do século XVII e usou-a muito a cavalaria desde princípios até o meado do século XVIII.

A **tarasca** (em francês **flamberge**) era uma espada possante, de guardas e contra-guardas complicadíssimas, de longa impunhadura e cuja fôlha se apresentava ondeada ou em espiral, morrendo em ponta aguda e de dois gumes; parece ter sido muito usada na defesa de muralhas durante os assaltos.

O **verdugo** (corruptela de **Iverdun**, lugar onde se fabricava) era uma espada esguia, de fôlha triangular ou faceada, quase em forma de espêto e em extremo comprida; constituiu arma de duelo nos séculos XVII e XVIII; variante do estoque, foi como êle muito perseguida.

A **espada prêta (colichemarde**, corruptela de **koenigsmark)** espada favorita de duelo no século XVII e ainda em parte do século XVIII, é muito comprida e larga de fôlha até ao meio desta, estreitando sùbitamente e rematando em ponta de estoque; tal disposição que eqüilibrava o pêso, pondo o centro de gravidade na impunhadura, tornava-a de um manêjo muito cômodo e ligeiro.

Do meado do século XVII em diante, a impunhadura simplifica-se, o comprimento dos quartões exagera-se e há por baixo, uma espécie de tigela de ferro; a impunhadura é bastante curta e o guarda-mão é singelo e o seu uso prolongou-se até quase aos fins do século XVIII.

Do meado do século XVIII em diante, a espada entra em rápida decadência; é quase substituída pelo sabre, de forma desingraçadíssima e cujo aspecto foi tão expressivamente caracterizado pelo neologismo popular; chanfalho!

Outro tipo encontramos ainda no século XVIII: o **espadim** ou **faim;** espada de côrte, descendente do florete de jôgo, verdadeiro enfeite, cuja fôlha foi freqüentemente substituída por uma barba de baleia!

A Idade Média foi a época heróica; o século XVI a época artística; depois seguiu-se o período industrial. A espada perdeu em dimensões e em caráter. Pelo ano de 1660 começou a não exceder 75 centímetros de comprimento; as que mediam 1 metro eram uma exceção. O sabre, nos campos, foi gradualmente suplantando a espada. O cobre substituiu quase por tôda a parte o aço nos punhos e o que não era de bronze era obra de ourivesaria. Por fim prevaleceu o fabrico das espadas militares mais grosseiras do que artísticas.

As espadas, como vemos, têm longa história. Elas tem sido fatôres principais em muitas horas decisivas, em arrancadas culminantes, em rasgados momentos de patriotismo. Têm sido inseparáveis e fiéis companheiras de fidalgos e guerreros e inimigas mortais e traiçoeiras. Vêzes sem conta, redimiram prepotências, resgataram ignomínias; libertaram e escravizaram; tantas outras, vingaram ciumentos amores, feriram cobardemente, serviram tramas odientos ou se quedaram, pusilâmines nas bainhas.

Muitas vêzes, em ronda de vida ou de morte, elas foram levadas, por vilões e cavalheiros, ansiosamente, sob as pesadas dobras de uma capa, à aventura; quantas, também, cheias de sangue e de vergonha, de opróbio e de luto?

O tinir excitante de seu ferro, por travessas escusas e vielas inúmeras, roeu de penas e de angústias, em mortas horas da noite, corações de mulheres em pecado.

Sob radiante sol, à sombra dos pendões, em campo aberto, refulgiam, também, em golpes altos de vigorosa nobreza. Sabres famosos, **rapières** de casta, belas toledanas, têm a sua extensa história, de altura e de baixeza.

As armas brancas constituem instrumentos de celebridade de muitíssimas personagens históricas e não poucas vêzes, deploràvelmente célebres, entre aquelas muitas que, por seus feitos, se cobriram eternamente de glórias.

ESPALDEIRAS — chapas de ferro que os cavaleiros acrescentavam à cota para defesa do ombro. Esta peça foi muito usada no século XV nas armaduras; era hábito dos freires das ordens religiosas trazerem pintada sôbre ela, a cruz distintiva da ordem militante.

ESPALDEIRA DE CORSOLETE — peça da armadura que cobria as costas; defesa dos ombros.

ESPINILERAS — **(espinillera)**, peça da armadura que cobria e protegia a parte superior da canela da perna. O mesmo que **grevas.**

ESPONTÃO — variante da **partazana,** arma grotesca com certo ar chinês.

ESPORAS — a julgarmos por muitos escritores, o uso das esporas já era conhecido dos cavaleiros seus contemporâneos, pôsto que ainda não se servissem dos estribos. Todavia, nenhum vestígio delas se encontra nos antigos monumentos e parece que as de que usavam, apenas consistiam em um pequeno ferrão, que saía da parte posterior do calçado.

As esporas foram depois usadas em sinal de distinção. Pelas esporas douradas, que eram uma parte da armadura dos cavaleiros, se distinguiam êstes dos escudeiros, os quais não as podiam usar senão prateadas. Quando ao solene ato de se armar um cavaleiro, assistia alguma dama, era ordinàriamente a ela que tocava a cerimônia de lhe pôr a espora esquerda.

Em França, no reinado de Luís-o-Bom, os senhores e os bispos, reunidos em assembléia, proibiram severamente os eclesiásticos de usarem esporas, por serem o distintivo das pessoas de guerra. Em Castela, em conseqüência da desgraça acontecida ao rei D. Sancho II, por ter montado sem esporas o cavalo Babieca, do famoso Cid, Ruy Dias de Bivar, fulminou-se excomunhão contra todo o cavaleiro que montasse a cavalo sem esporas.

ESTARCÃO — cota de armas; grande chapa ou malha onde pintavam ou bordavam as armas.

ESTOQUE — punhal delgado e comprido, que o cavaleiro trazia pendente do cinto.

— F —

FALDA — ou faldão. O mesmo que **fraldão.**

FLAGELO ou CHICOTE D'ARMAS — ver **chicote d'armas.**

FLANQUEIRAS — peças da armadura que protegiam os lados do animal.

FOCINHEIRA — engradeamento de ferro que se acrescentou a **testeira,** na armadura do cavalo.

FOICE DE GUERRA — era semelhante à foice roçadora, mas de cuja forma foi divergindo pouco a pouco.

FOUCINHO — ou foice de brecha, era semelhante a um enorme cutelo ou navalha de barba gigantesca, arvorada na ponta de um pau.

FRALDÃO — ou fralda, peça da armadura de ferro ou aço para defesa dos rins.

FULCRO — **reste** ou **riste** corruptela do vocábulo inglês **rest);** haste ou gancho de ferro com quatro faces curvas e de forma variável, fixa a um espigão pregado na couraça do lado

direito e dobrando em ângulo na direção do braço direito. Servia ao cavaleiro para apôio da lança sobraçada quando acometia o seu contrário.

— G —

GAMBAIS — espécie de sôbre-cota usada por cima da lóriga; era um traje completo estofado e embastado, como os modernos colchões. Era usado pelos pões.

GINETA — esta expressão indicava uma maneira de cavalgar de proveniência espanhola ou hispano-mourisca; assim, até ao século XVII, dizia-se "montar à gineta, freio à gineta, espada à gineta" para indicar que se montava a cavalo à mourisca, isto é, com os estribos muito curtos, sôbre uma sela de altos arções, como os ginetários, para indicar que o freio era de anéis fixos formando barbela e para mostrar que as espadas eram feitas como as dos mouros.

Os estribos à gineta eram os de forma ainda hoje preferida pelos árabes. Os arnezes à gineta eram armaduras leves, de peças muitas vêzes separadas por longos intervalos, que se traziam na mesma época em Espanha, tanto entre os muçulmanos, como entre os cristãos.

GOLA — ferro circular que se punha em tôrno do pescoço do homem de armas, sôbre o peito e espaldar.

GORJAL ou **gorgelim** — parte da armadura que defendia o pescoço. O mais antigo modêlo de gorjal é o dos grandes bacinetes do fim do século XIV; é formado por uma grande lâmina em semi-círculo, ligada a outra lâmina que constitui o guarda-nuca.

Nos morriões o **gorjal** é um conjunto de lâminas articuladas que descem sôbre a coleira da armadura; quanto mais antigas são as armaduras, maiores são os gorjais.

GREVAS — parte da armadura que cobria o pé e parte da perna, até aos joelhos. As **grevas** em uso desde os tempos heróicos, protegiam a parte dianteira das pernas, desde o tornozelo até ao joelho. Eram formadas por uma ou muitas peças de metal reforçadas interiormente com couro e presas com correias e fivelas; eram às vêzes de bronze cinzelado e dourado. Ificrates substituiu as grevas de metal por outras de couro, que se chamavam **ificrátidas**.

GUANTE — luva de ferro que fazia parte da armadura.

GUANTE DE PRÊSA — espécie de guante da mão esquerda, em uso no século XVI e de que se serviam nos duelos e recontros. Era assim chamado porque servia para agarrar a espada inimiga e desviar-lhe os golpes; assim, era guarnecido na região palmar, de malhas espessas e prolongadas até à extremidade dos dedos. As costas do guante eram também assim guarnecidas, de modo a ampararem os golpes de

gume. A guarda do guante era guarnecida com cânulas de aço, preservando desde o punho ao ante-braço.

O uso dos **guantes** data de tôda a Antigüidade. Eram êles a princípio de couro grosso, até serem de ferro e de aço, fazendo parte integrante das armaduras. Havia-os pegados às armaduras e soltos. Os de couro eram ou não reforçados com anéis ou placas de ferro, cordas, varas ou barbas de baleia e só no século XIV é que foram de aço articulados.

Eram de dois sistemas: os de dedos livres cada um de per si, como as luvas de hoje, ou de polegar livre e os quatro dedos restantes juntos. O aço era montado sôbre pele de gamo, reforçado na palma e nas pontas dos dedos. Os **guantes** contaram-se no cerimonial da cavalaria, entre as cinco peças de grande honra, sendo as outras o **elmo**, a **espada**, as **esporas** e o **escudo**.

Em torneios e combates, os arautos atiravam o **guante** em sinal de desafio e levantavam-no em sinal de que êsse desafio era aceito.

Entregar o guante direito, indicava que se ficava prisioneiro.

GUARDA DE OMBROS — ou guarda colo; lâmina grossa circular e impinada sôbre o ombro, que defende o golpe ao pescoço.

GUARDA-RINS — o mesmo que fraldão ou falda.

— H —

HOMENS D'ARMAS — cavaleiro que tinha obrigação de servir na guerra o rei ou um senhor feudal.

— I —

ILHAIS — peças soltas à laia de escarcelas, que completavam um pesado peitoral de ferro.

IMPOLGADEIRA — cava na haste da lança, a metro e meio do couto ou couce ferrado, para firmeza da mão; adiante desta impunhadura, existia uma rodela de ferro ou aço de grandes proporções, que protegia a mão.

— J —

JACQUE — (**jack** dos arqueiros inglêses), espécie de cota curta usada no século XIV, que substituiu o **loregon** ou **camisote**.

JAZERINO — cota de malha de ferro ou aço muito miúda.

JOELHEIRAS — peça da armadura, redonda, que protegia os joelhos.

JORNÉIAS — espécie de sôbre-cotas ou lauréis, que os cavaleiros usavam por cima do **arnez**; diferenciavam-se daqueles, por serem soltos e abertos aos lados, a semelhança de uma casula dos sacerdotes. Sôbre as jornéias, pintavam e bordavam os cavaleiros o seu brasão, lema, tenção ou emprêsa. Eram fei-

tas de estofos variadíssimos, desde o fustão branco dos humildes freires militantes, até as sêdas, veludos, escarlatas venezianas e panos de Flandres de que nos fala Fernão Lopes; eram mesmo recamadas de ouro e recortadas em dentes de serra, segundo o capricho da época. Não eram contudo estas sôbre-cotas, de uso absolutamente geral e são freqüentes nos documentos as imagens de cavaleiros vestindo apenas a cota e solhas, tendo neste caso o brasão de armas pintado sôbre o peito da **cota do jaque** ou do **cambais.**

JUSTA — duelo, combate à lança entre dois homens a cavalo.

— L —

LAMBREQUINS — ornatos que pendem do elmo sôbre o escudo ou que o rodeiam.

LANÇA — a lança é uma arma de haste, muito comprida, usada pelos cavaleiros; há duas categorias: as **azagaias** que se manejam com o braço livre e as lanças pesadas, grandes, de contra-pêso. Estas são menajadas pelos cavaleiros e foram a princípio uma simples haste de madeira de 4 a 6 metros de comprido, de 8 a 9 centímetros de diâmetro, que terminava em fôlha de loureiro ou salva. Pouco a pouco foi-se-lhe diminuindo a haste para facilitar o manêjo e engrossou-se a extremidade inferior para contrabalançar o pêso da massa; eqüilibrou-se por meio de uma correia prêsa ao pescoço e depois um gancho de ferro chamado **fulcro,** fixo à altura ao seio direito.

Desde o século XIV a **lança** do homem de armas apresenta o tipo que conservou até Luís XIII. A haste é de freixo e media 6 metros de comprido de uma a outra extremidade. Do conto armado de ferro, o contrapêso vai engrossando até ao arredondado feito para a mão; ali, complica-se com uma larga rodela de aço, adelgaçando-se até à ponta.

No século XVIII ainda se distinguiram na lança estas diversas partes: punho, asas e flecha. O punho compreendia a parte entre o conto e a rodela; as asas, a expansão da haste nessa parte e a flecha, tôda a haste até o ferro.

Chmava-se "mão da lança", à mão direita e "pé da lança", à pata direita do cavalo.

A lança usou-se até Henrique IV de França, mas no meado do século XVI caiu em desuso; apesar dos esforços de Luís XIII, os gendarmes preferiram a espada e a pistola.

A lança ficou apenas para arma de torneio. Tôdas as lanças eram pintadas das mesmas côres pertencentes ao seu proprietário ou ao capitão da companhia e eram ordinàriamente alternadas em espiral.

LANÇÃO — o mesmo que chuço.

LÓRICA — vestimenta militar antiga, que consistia numa espécie de saia de malha com lâminas de aço ou escamas de ferro e

que fazia parte da armadura dos guerreiros.

A **lórica** é uma espécie de camisa comprida de malhas; difere da couraça por ser formada de malhas unidas e reviradas, nunca aplicadas sôbre uma **cota** de tecido ou de pele.

Em França foi no século XIII que apareceu, mas sua origem é mais antiga. Descendo até meio da perna, guarnecida de mangas, de camalho e de um capacete, a **lórica** é o traje do cavaleiro, ao passo que o escudeiro não pode usar senão a cotazinha de malha.

No século XIV a **lórica** tinha as regiões peitorais reforçadas com malhas duplas chamadas "solhas"; no meado do século XIV, a **lórica** encurta-se muito; à medida que a armadura de lâminas se torna mais perfeita, a **lórica** perde a importância. Contudo, ainda é trazida debaixo da couraça até o século XVI, mas era então o gibão de malhas.

A **lórica** é insígnia de nobreza. Chama-se "feudo de lórica", aquêle feudo que consistia em se apresentar qualquer titular nobre na guerra, montado e armado de malha, ou dar um homem por si a cavalo também assim armado.

LORIGÃO — cota de malha entretecida de malhas de ferro entremeadas umas às outras; é a **brúnica**, o **halberg** ou **halbert** dos alemães, de onde se originou. E' o mesmo que **brúnia** em espanhol.

— M —

MAÇA D'ARMAS — arma formidável de tamanho descomunal. Clava.

MALHA — entrançado de fio de metal, a modo de rêde, com que na Idade Média se fabricavam as armaduras.

MANGOAIS DE GUERRA — instrumento que servia para derrubar o cavaleiro.

MANOPLA — luva de ferro das antigas armaduras. Também se denomina **guante**. O **guante de prêsa** era uma espécie de guante da mão esquerda em uso no século XVI e de que se serviam nos duelos e recontros. Era assim chamado porque servia para agarrar a espada inimiga e desviar-lhe os golpes: assim, era guarnecido na região palmar, de malhas espessas e prolongadas até à extremidade dos dedos. As costas do **guante** eram também assim guarnecidas de modo a ampararem os golpes de gume. A guarda do guante era guarnecida com cânulas de aço preservando desde o punho ao ante-braço. O uso dos **guantes** data de tôda a Antigüidade. Eram êles a princípio de couro grosso, até serem de ferro e de aço, fazendo parte integrante das armaduras. Havia-os pegados às armaduras e soltos. Os de couro eram ou não reforçados com anéis ou placas de ferro, cordas, varas ou barbas de baleia. Só no século XIV é que foram de aço articulados. Eram de dois sistemas; ou de dedos livres, cada um de per si, como as luvas de hoje, ou de polegar livre e os quatro dedos restantes juntos. O aço era montado

sôbre pele de gamo, reforçada na palma e nas juntas dos dedos. Os guantes contaram-se no cerimonial da cavalaria, entre as cinco peças de grande honra, sendo as outras o elmo, a espada, as esporas e o escudo. Em torneios e combates, os arautos atiravam o guante em sinal de desafio e levantavam-no em sinal de que êsse desafio era aceito. Entregar o guante direito, indicava que se ficava prisioneiro.

MANTELETE — capa curta e larga com que os cavaleiros cobriam os escudos e os capacetes.

MANTENEDOR — o principal cavaleiro das justas e torneios.

MANTO — na Idade Média o manto é uma parte do traje de côrte. Os cavaleiros vestem-no escarlate, comprido e amplo, por cima da armadura e às vêzes forrado de pele. A dádiva do manto pelo rei era prerrogativa de certos cargos. Nos séculos XIV e XV é sinal de honra e investidura. Faz também parte das insígnias de certas dignidades.

MARTELO D'ARMAS — instrumento cuja forma o nome está indicando, com a haste rematada em lança. Era destinada a abolar armaduras e capacetes.

MÁSCARA — em linguagem de armeiro entende-se por **máscara** uma viseira independente do capacete e que se prendia por correias ou por botões girantes. Era sobretudo aos capacetes de ferro que se acrescentavam estas defesas volantes.

MAZZEQUINS — vocábulo de origem italiana, que designa uma pequena maça de pau, própria para combater a pé nos torneios.

MENESTREL — trovador, poeta dos tempos da antiga cavalaria.

MONTANTE — espada grande de combate que se brandia com ambas as mãos.

MORRIÃO — ver **bacinete.**

— N —

NASAL — parte do capacete que cobria o nariz.

— O —

OCREAS — o mesmo que **grevas**, chamada também **espinilera** ou **caneleira.**

— P —

PAGÉM — moço nobre colocado junto de um senhor feudal para aprender o mister das armas. Mancebo, moço ordinàriamente de família nobre, que acompanhava o rei ou pessoa de gerarquia e que na guerra levava a espada, a lança e o escudo do amo.

PANCEIRA — parte da armadura com que os guerreiros resguardavam o ventre.

PANELA DE FERRO ou PANELÃO — peça defensiva usada nas investidas das muralhas (durante assédios); usava-se para defender a cabeça contra os projéteis e matérias inflamáveis e punha-se em cima do capacete.

PARMA — escudo redondo, pequeno e leve que usavam os cavaleiros e os homens de pé armados à ligeira; arma defensiva dos vélites, soldados da legião romana.

PARTAZANA — ferro semelhante a uma larga adaga, montado em haste com orelhas cortantes voltadas para cima e que apareceu no fim do século XV.

PASSO D'ARMAS — combate que um ou muitos cavaleiros empreendiam para defender uma passagem fechada por uma barreira, contra os que tentassem transpô-la.

PAVEZ — escudo grande e largo que cobria o corpo todo do soldado.

PERPONTO — gibão forte acolchoado com algodão e pespontado para embaraçar a ponta da lança e espada.

PESCOCEIRA — o mesmo que **barda.**

PETRAL — correia que cinge o peito do cavalo.

PIQUE — era das armas de haste, a mais simples e a mais comprida. O seu conto que media segundo as épocas desde 3 até 8 metros, era de faia ou de freixo e sensìvelmente estreitado desde o meio até às extremidades; o ferro em forma de fôlha de loureiro ou de adaga triangular ou quadrangular, não excedia de 0,25. Adaptava-se ao conto por meio de um alvado e de duas longas lâminas de ferro aparafusadas nele e destinadas a impedir que as espadas cortassem a haste. A extremidade inferior estava armada também de uma pêra de ferro.

O pique usou-se muito desde o século XIII, sobretudo na Flandres e na Suiça, até aos fins do século XVII.

PIQUEIROS — soldados armados de pique.

POLEAX — grande machado de cabo largo; era hacha de armas do peão, sendo invento inglês.

PRATAS — corruptela do francês **plates;** o mesmo que **solhas.**

PRETINA — cinto que sustinha a bôlsa chamada "escarcela".

PUNHAL DE MISERICÓRDIA — punhal que antigamente os cavaleiros traziam no lado oposto da cinta, àquêle em que usavam a espada e que lhes servia para matar o adversário depois de derrubado, se êle não pedia misericórdia. As "misericórdias" têm variado de forma com o tempo; o seu caráter comum está na fôrça da lâmina muitas vêzes engrossada na extremidade. Em estilo de amador, dá-se ordinàriamente o nome a grandes adagas do século XVI, cuja lâmina se assemelha apesar de mais curto, à das **cinquedea** vulgarmente chamadas "línguas de boi".

— Q —

QUIJOTES — também chamado **musleras;** peça do arnez destinada a proteger a parte das pernas desde os quadris até pouco acima dos joelhos e que em português se dá o nome de **quixotes.**

— R —

REI D'ARMAS — oficial da côrte, chefe dos arautos que tem a seu cargo o registro e construção das armas da nobreza do reino. O estabelecimento dêstes oficiais da corôa é muito antigo. Em França remonta aos carolíngios; eram nomeados pelos arautos de armas em capítulo e solenemente reconhecidos pelo rei. Montjoie foi o primeiro **rei d'armas** de França. O **rei d'armas** de Espanha chama-se **tosão de ouro;** o da Escócia, **lyon;** o da Inglaterra, **clarencieux, jarreteira, norrey,** etc. As ordens de cavalaria e vários príncipes tinham **reis de armas.**

RISTRE — ferro em que o cavaleiro embebe o conto da lança.

RODELA — joelheiras; peça da armadura que protegia os joelhos.

RONCONE — ver **corsica.**

ROUPÕES — ver **saios.**

RUSTRA — mesmo que **ristre.**

— S —

SALADA — capacete sem viseira usado pelos arqueiros montados na Idade Média.

SAINHOS — ver **saio.**

SAIO ou SAIOTE — antigo e largo vestuário com fraldão e abas. O **saio** era uma vestimenta militar curta, quadrada, de pano grosseiro e com abas ou quartos. O **sainho** era um gibão redondo e sem abas. O **saio de malha** era peça de vestuário dos guerreiros que descia da cintura até aos joelhos, feita de escamadas ou de rêde de ferro para proteger o ventre. As mulheres também usaram **saios** ou **sainhos,** que depois se chamou **albornozes, roupões, saltimbarcas** e **bajus.**

SALTIMBARCAS — ver **saio.**

SANGRADOURO — a parte do braço oposta ao cotovelo e onde se pratica a sangria.

SAPATO DE FERRO — era formado por um número variado de lâminas assentes sôbre o sapato ordinário, com o mesmo sistema de articulações que governava tôdas as peças da armadura.

SELA DO ARÇÃO — armação de ferro posta sob o animal.

SÔBRE-COTA — **laude, loudel, laudel** ou espécie de túnica sem mangas aberta na frente, da cintura abaixo. No peito e até na superfície total do **laudel,** passaram os nobres a usar as

suas armas ou distintivos heráldicos pintados ou bordados pelas mãos de rica dona afetuosa.

SOLHAS — lâminas curvas de sola e mais tarde de ferro que aplicavam e afivelavam sôbre a malha, primeiro nos ante-braços e canelas e que depois foram chamados **braçais** e **caneleiras.**

SURRÃO ou ÇURAME — do francês **sarrau,** designação porque era conhecida a sôbre-cota nos documentos da época. O **surrão** era uma chapa larga de ferro sobreposta no peito à lóriga de malha; é a reaparição, sob forma imperfeita, da couraça dos antigos, olvidada durante alguns séculos. Entre os séculos XII e XIII começaram os cavaleiros a envergar por cima das malhas e **laude, lodel, laudel** ou **sôbre-cota,** espécie de túnica sem mangas aberta na frente, da cintura para baixo.

— T —

TARGA ou TARGUETA — broquel antigo. Ver escudo.

TELIZ — armadura do cavalo de batalha; espécie de "loregão" tachonado de ferro, entretecido de loros, com pescoceira ou capuz, completado na frente por uma testeira de ferro que defendia a cabeça e que às vêzes era armado com um espigão na testa.

TESTEIRA — a parte dianteira; frente. Armadura das testas dos cavalos.

TONELETE — o mesmo que saio, porém, mais exagerado do que êste em comprimento; destinava-se aos combates a pé. Ver **barda.**

TORNEIO — do francês **tournois;** justa, jôgo público e militar, onde os cavaleiros da Idade Média mostravam a sua destreza combatendo uns contra os outros. A moda dos torneios é muito antiga; data já do século XII; primitivamente não se fazia diferença entre o combate à espada ou à maça e o combate à lança. A partir do século XIV distinguem-se as justas em que se combate à lança e os torneios, em que os campeões se serviam da espada sem gume nem ponta e da maça ou macete de madeira.

As armaduras de torneio eram muito diferentemente construídas das armaduras de justa. As cerimônias que procediam o torneio eram numerosas e reguladas por um estrito cerimonial. Os reis e os arautos de armas e os juízes eram encarregados de tudo vigiar, de verificar a qualidade dos combatentes; alguns dias antes, os arautos de armas faziam guarnecer as paredes das casas com tapeçarias e as janelas com as bandeiras e os pendões dos cavaleiros, a que se chamava "fazer janela". Aos mastros empavesados eram presas tarjas com as armas dos campeões e cada um tinha o direito de lhes bater com um pau, em sinal de desafio

ou de denunciar os crimes ou delitos do campeão que se pretendia excluir. As damas e as donzelas podiam "recomendar" o campeão de quem tinham razão de queixa e indicá-lo assim aos do campo oposto, a fim de que lhe não poupassem os golpes. Enfim, chegado o dia do torneio, a liça era aberta e os campeões eram solenemente conduzidos, ao som das trombetas e precedidos de orquestras de menestréis. Quando tôdas as cerimônias prévias estavam concluídas, um dos juízes atirava a sua vara à liça para começar. Depois, quando os combatentes se excitavam a ponto de se recear morte dos homens, uns e outros a pauladas. Os vencedores eram levados com grande pompa pelas damas e donzelas para junto das "rainhas do torneio"; assim se chamavam as damas que presidiam à festa. Então recebiam das suas mãos os prêmios, que eram vasos de ourivesaria, armas de preço ou vestidos de tecidos ricos.

Os carrocéis substituiram os torneios a partir do século XVI; mas na Alemanha só se abandonaram os torneios no século XVII.

A morte de Henrique II de França, em 1559, em conseqüência de ter tido um ôlho vasado num torneio, fêz com que acabassem os torneios não só em França, mas em outro países.

— V —

VELAR AS ARMAS — cerimônia que consistia para aquêle que devia ser armado cavaleiro, em passar numa capela ou igreja, a noite precedente ao dia da investidura, vigiando as armas.

VISEIRA — parte anterior do capacete que descia sôbre o rosto para encobrir e resguardar dos golpes do adversário. Quando a viseira se estende simplesmente acima dos olhos é chamada ordinàriamente "dianteira"; quando cobre todo o rosto, é chamada "máscara". Nas celadas fechadas, a viseira forma uma grande máscara completa que vai desde o frontal até ao queixo; constitui a "cimeira" que se compõe de três peças independentes na sua origem: **a vista, o nasal** e o **ventail**. Mas nos capacetes correntes do século XVI estas três peças estavam de ordinário reunidas. Estas **viseiras** giravam sôbre dois botões fixados à altura das orelhas e levantavam-se ou baixavam-se à vontade.

Mas nas celadas do século XV e nas borgonhotas, que foram usadas até ao século XVII, a **viseira** de simples dianteira, móvel ou não, completava-se com uma máscara que se abrochava aos lados e que se afivelava com uma correia sob o queixo.

VULDGE — (**vuldge** dos inglêses e **voudje** dos franceses). Espécie de machado enorme remantando em ponta, foice ou venábulo de assédio, desaparecido nos fins do século XV.

— X —

XAIREL — saio de malhas que cobria o animal.

— Y —

YUGULARES — peça da armadura que protegia a garganta.

Como vemos, o tinir dos ferros, o reflexo de armaduras, lanças e escudos sob radiante sol, ou junto aos pendões ou em campo aberto, refulgiu sempre em golpes altos de vigorosa nobreza.

A história do armamento ofensivo e defensivo, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, quando o progresso da artilharia tornou inúteis essas pesadíssimas armaduras de dimensões colossais, leva-nos a render involuntária homenagem aos guerreiros de antanho, pois, ao contemplarmos em vitrinas de museus, armaduras e armas brancas, vem-nos à mente um pouco da Idade Média, dessa época longínqüa perpetuada na tradição de seus homens de armas.

(Continua no próximo número).

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA
Da Sociedade Numismáitca Brasileira.